

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

NÉDSON COELHO RIBEIRO

**O ENSINO RELIGIOSO E SEU SIGNIFICADO PARA ADOLESCENTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EM
MIRINZAL/MA**

São Leopoldo

2012

NÉDSON COELHO RIBEIRO

O ENSINO RELIGIOSO E SEU SIGNIFICADO PARA ADOLESCENTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EM
MIRINZAL/MA

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior em Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484e Ribeiro, Nédson Coelho
Ensino religioso e seu significado para
adolescentes do ensino fundamental em uma escola
pública municipal em Mirinzal/MA / Nédson Coelho
Ribeiro ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. –
São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
96 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Ensino religioso (Ensino fundamental). 2.
Professores de ensino religioso – Formação. I. Streck,
Gisela Isolde Waechter . II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

NÉDSON COELHO RIBEIRO

O ENSINO RELIGIOSO E SEU SIGNIFICADO PARA ADOLESCENTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EM
MIRINZAL/MA

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior em Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Gisela Isolde Waechter Streck - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

*Aos meus pais,
Pedro Martins Ribeiro, Jozila
Coelho Ribeiro;
e aos meus irmãos,
Nádia Mirelle Coelho
Ribeiro e Pedro William Coelho Ribeiro.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me inspirou nos momentos de dificuldade em produzir este trabalho.

A minha mãe, Jozila Coelho Ribeiro, pelas expectativas geradas em mim desde meu nascimento.

A Gisela Isolde Waechter Streck, que me orientou durante a elaboração deste trabalho, fazendo-me acreditar na capacidade de concluí-lo, e sem perceber, inspirando-me com sua postura profissional e sua intelectualidade.

A Aureabela de Almeida Catunda Lima, querida amiga que no início do MPE muito me incentivou.

Aos professores da Escola Superior de Teologia, que durante as aulas e discussões possibilitaram um crescimento e uma transformação na forma de compreender o mundo e minha profissão como educador.

Aos demais funcionários da EST, que direta ou indiretamente, desde o pessoal da portaria, limpeza, hospedagem, secretaria, contribuíram positivamente nos momentos de estadia no campus.

Aos meus queridos colegas do MPE5, que permitiram que durante nosso período de estudo e até mesmo na distância de nossos lares, nos tornássemos uma família.

RESUMO

Este trabalho trata a respeito do Ensino Religioso e seu significado para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal/Ma. Apresentando inicialmente no primeiro capítulo alguns conceitos sobre o desenvolvimento humano com base em Piaget, Freud e Erik Erikson, James Fowler no que se refere à esfera do cognitivo, do psicossocial, psicossocial e da fé, destacando em seguida a fase da adolescência. Demonstra a relação do Ensino Religioso no processo da formação básica do adolescente, assim como as mudanças ocorridas na definição de seu conceito e legalidade curricular no processo histórico. Demonstrando ainda a importância de se investir na formação específica de docentes para atuarem com esse componente curricular na Escola, como poderá ser verificado no segundo capítulo. No terceiro capítulo é apresentado o resultado da pesquisa realizada com adolescentes e docentes por meio da aplicação de questionários, que forneceram as linhas de discussão para o desenvolvimento do trabalho, sendo expostas as considerações e conclusões a respeito da relação entre escola, adolescente e o Ensino Religioso no processo da formação social do ser humano.

Palavras – chave: Adolescentes. Ensino Religioso. Escola.

ABSTRACT

This paper deals with Religious Education and its significance for adolescents in Elementary School in a Municipal Public School in Mirinzal/MA. Initially, in the first chapter, concepts about the human development based on Piaget, Freud, Erik Erikson and James Fowler are presented with regard to the cognitive, psychosexual, psychosocial and faith spheres highlighting, shortly thereafter, the adolescent phase. It demonstrates the relation that Religious Education has in the process of the basic formation of the adolescent, as well as shows the changes that have occurred in its concept and in the curricular legality during the historical process. In the second chapter the importance of investing in specific training of teachers to work with this curricular component in the school is demonstrated. In the third chapter the results of the research carried out with the adolescents and the teachers through application of questionnaires is presented. The answered questionnaires furnished the lines of discussion for the development of the paper. The considerations and conclusions were presented regarding the relation between the school, the adolescent and Religious Education in the process of the social formation of the human being.

Key words: Adolescents. Religious Education. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ADOLESCÊNCIA NA VIDA HUMANA	15
1.1 O desenvolvimento cognitivo	15
1.2 O desenvolvimento psicossocial.....	18
1.3 O desenvolvimento psicossocial	19
1.4 O desenvolvimento da fé	22
1.5 O que é Adolescência.....	24
1.6 A formação da personalidade do (a) adolescente.....	25
2 O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA E NO ENSINO FUNDAMENTAL	29
2.1 O Ensino Religioso na escola	29
2.2 Adolescente e Escola.....	33
2.3 O Currículo para o Ensino Religioso – parâmetros do FONAPER.....	36
2.4 A formação de professores	39
2.5 O (a) Adolescente a Espiritualidade.....	41
3 METODOLOGIAS DE ENSINO RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL	45
3.1 A pesquisa social	46
3.1.1 <i>Objeto da pesquisa social</i>	47
3.1.2 <i>O espaço da realização da pesquisa</i>	48
3.2 A pesquisa social em uma escola pública municipal em Mirinzal – MA com adolescentes.....	49
3.2.1 <i>Dados relativos ao questionário – alunos</i>	50
3.2.2 <i>Dados relativos à observação - alunos</i>	55
3.3 A pesquisa social em uma escola pública municipal em Mirinzal – MA com docentes	58
3.4 Considerações sobre os dados da pesquisa com os adolescentes.....	64
3.5 Considerações sobre os dados da pesquisa com os docentes	68
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA OS ADOLESCENTES	81
ANEXO B: QUESTIONÁRIO PARA OS DOCENTES	83
ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS.....	85

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORES	89
ANEXO E: RESULTADO DA PESQUISA COM ADOLESCENTES	93
ANEXO F: RESULTADO DA PESQUISA COM OS DOCENTES.....	96

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Art. 33º (Lei nº 9.394) estabelece o “Ensino Religioso como de matrícula facultativa, sendo parte integrante da formação básica, constituído como componente curricular em horário normal nas escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”¹.

Como se pode verificar, a LDB institui o Ensino Religioso como um componente curricular optativo na Escola para os (as) alunos (as) do Ensino Fundamental. É comum em nossas escolas sua inserção no currículo escolar. No entanto, diferentes dificuldades podem ser identificadas entre professores (as) e alunos (as) no desenvolvimento do componente curricular.

O Ensino Religioso faz parte do currículo escolar nos estabelecimentos de ensino público municipal e estadual na cidade de Mirinzal, no Litoral Ocidental do Maranhão. É ofertado do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental a crianças e adolescente.

Nas escolas desta localidade tenho percebido por meio de depoimentos dos (as) professores (as), dificuldades quanto à aplicação e desenvolvimento do componente curricular na sala de aula, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental. Que dificuldades são essas? Por que adolescentes das séries finais do Ensino Fundamental não demonstram tanto interesse pelo Ensino Religioso? Que significado o Ensino Religioso tem para os (as) adolescentes? Que metodologias os (as) docentes tem desenvolvido para o envolvimento dos (as) discentes com o Ensino Religioso?

Esta pesquisa social que realizei se trata de um estudo de caso, direcionado a analisar o Ensino Religioso e seu significado para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal/Ma.

A realização deste trabalho pode ser dividida em duas etapas. A primeira se tratou da realização de uma pesquisa social com docentes e alunos (as) /adolescentes das séries finais do Ensino Fundamental do turno vespertino em uma

¹ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. *LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997*. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm>. Acesso em: 02 nov. 2012.

Escola Pública Municipal na cidade de Mirinzal – MA. E a segunda, a pesquisa bibliográfica que envolve a fundamentação teórica, organização das ideias, análise e formatação de todo o trabalho.

Entre algumas referências, que podem ser citadas, que foram utilizadas neste trabalho, tem-se: **Infância e Sociedade**, de Erik H. Erikson; **Estágios da fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**, de James W. FOWLER; **A Interação Pedagógica no Ensino Religioso**, de Laude Erandi Brandenburg; **Jovens: Desenvolvimento e identidade – Troca de perspectiva na psicologia da educação**, de Roberto Daunis; **Fenômeno Religioso e Metodologias: IV Simpósio de Ensino Religioso**. Organizado por Laude Erandi Brandenburg et al; **O Estatuto da Criança e do Adolescente; A Lei de Diretrizes e Bases da Educação**; entre outros.

Sobre a pesquisa social, ela foi realizada com 36 adolescentes com faixa etária entre 13 e 16 anos, e 04 docentes de uma Escola Pública Municipal em Mirinzal – MA. Aos (as) adolescentes, foi aplicado um questionário com 10 (dez) perguntas². Aos (as) docentes, o questionário foi organizado com 10 (dez) perguntas³.

A utilização do questionário se tornou necessária na intenção de coletar informações para o desenvolvimento do discurso sobre o problema proposto: As metodologias de Ensino Religioso para Adolescentes.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o Ensino Religioso e seu significado para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal/Ma. Para tanto, ele está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, **Adolescência na vida humana**, trato da questão sobre o desenvolvimento humano, realizando um comentário com base nas teorias de Piaget, Freud, Erikson e Fowler; o que é Adolescência; a formação da personalidade do (a) adolescente; Adolescente e Escola, com a intenção de entender essa fase da vida do ser humano. O segundo capítulo, **O Ensino Religioso na escola e no ensino fundamental**, fala sobre a o Ensino Religioso como componente curricular, e a formação de professores e a importância do Ensino Religioso para o Adolescente; e o terceiro capítulo **A importância e o significado do Ensino Religioso – a**

² ANEXO A.

³ ANEXO B.

pesquisa social, traz a apresentação da pesquisa social em uma escola pública municipal em Mirinzal – MA com docentes e com adolescentes, os dados relativos aos questionários. Por fim, as considerações finais sobre a pesquisa.

Espera-se que esta pesquisa contribua de forma crítica para que a escola, assim como a sociedade, perceba o Ensino Religioso como parte significativa no processo de aprendizagem e formação social do (a) adolescente, na perspectiva de melhorar a prática como instituição de ensino e como seres sociais.

1 A ADOLESCÊNCIA NA VIDA HUMANA

Para tratar sobre a adolescência como parte da vida humana, pretende-se falar sobre o **desenvolvimento humano**. Pois, desde sua concepção, os seres humanos passam por processos de diferentes desenvolvimentos: físico, cognitivo, psicossocial, que estão atrelados ao processo de aprendizagem, formação da moralidade e constituição de sua identidade.

O desenvolvimento integral do ser humano está associado a elementos sociais, culturais, e ao contexto espacial e temporal. Eles influenciarão de forma particular e coletiva na formação do ser humano, a partir das relações estabelecidas e da forma em que cada indivíduo a observa.

Há estudiosos que classificam esse processo de desenvolvimento em fases, ciclos, estágios ou etapas para compreender a vida humana e como ela se modifica a partir das necessidades cognitivas, psicosexuais e psicossociais que surgem durante seu desenvolvimento.

Considera-se importante a apresentação de algumas teorias para que se possa compreender, especificamente, a fase da adolescência que muitas vezes se torna incompreendida pelos adultos. Esta fase, a adolescência, representa um importante momento na vida do ser humano, pelas transformações significativas que ocorrem, não apenas no aspecto físico, mas em outros aspectos que serão apresentadas neste trabalho.

Como exemplo, comentar-se-á algumas concepções sobre o desenvolvimento humano segundo alguns teóricos que ajudarão a compreender melhor a fase da adolescência a partir da concepção de cada fase anterior e posterior a ela.

1.1 O desenvolvimento cognitivo

Não se pretende fazer aqui um debate teórico entre os autores, mas possibilitar uma análise de suas percepções quanto ao desenvolvimento humano, principalmente ao período que compreende à adolescência. A intenção é compreender essa fase da vida humana a partir dos diferentes olhares que são apresentados.

Piaget aborda o desenvolvimento humano considerando estágios no processo do desenvolvimento mental, que é classificado da seguinte forma:

- a) **Sensório-Motor - de 0 a 2 anos.** Neste estágio, o desenvolvimento da inteligência pode não parecer muito significativo, mas representa as primeiras imagens de sua capacidade mental, de construir esquemas de ação para reconhecimento do ambiente. A criança é capaz de organizar relativamente suas atividades no ambiente por meio de reflexos, que gradativamente, com exercícios, vão melhorando sua capacidade de manipular, a exemplo da sucção e da resposta aos estímulos, quando reconhecidos. Nessa fase a inteligência se caracteriza ou se associa necessariamente ao prático.
- b) **Pré-operatório - de 2 a 7 anos.** Este estágio inicia-se com o surgimento do simbolismo e o desenvolvimento da linguagem. A criança utiliza-se da narrativa para expressar os acontecimentos anteriores, abreviar suas ações futuras e utiliza-se da imaginação como forma de contextualizar seu mundo. A linguagem oral possibilita a troca entre crianças e adultos. Ao mesmo tempo é possível perceber o desenvolvimento de suas relações sociais com outros indivíduos, e de um egocentrismo inconsciente. Nesta fase é possível que a criança assimile algum entendimento sobre regras e normas, principalmente as envolvidas em jogos e brincadeiras. Essa associação ajudará a compreensão dos regulamentos sociais que gerenciam a realidade da vida ao longo do seu desenvolvimento.
- c) **Operatório concreto - de 7 a 12 anos.** A principal característica deste estágio é o desenvolvimento do pensamento lógico sobre coisas concretas. O ser humano desenvolve a capacidade de refletir sobre suas ações e sobre sua realidade ao ponto de construir seu próprio conhecimento e organizá-lo conforme suas necessidades. Isso pode ser percebido, também, pelo momento em que a criança passa a defender seu ponto de vista na socialização com outras crianças, pois não se detém a reproduzir formalmente o olhar do outro, mas coloca sua própria forma de compreensão a partir de sua compreensão. Outra característica desta fase é que a criança começa a se desprender de um egocentrismo social e intelectual permitindo-se conhecer o mundo a partir do olhar do outro de forma lógica e coerente. Sua capacidade de resolver os problemas mentalmente é estimulada cada vez mais.
- d) **Operatório formal e abstrato - de 12 anos em diante.** Neste período, o ser humano é capaz de raciocinar sobre hipóteses, construir sistemas e conceitos abstratos, estilos de vida, baseados na forma em que ele percebe o mundo. Muitas vezes sua visão é de inconformismo com sua realidade, e então seu desejo é mudá-la, transformá-la. Outro aspecto desta fase é a reflexão existencial, isto é, a reflexão sobre sua própria existência. Esta reflexão ajudará na definição de sua identidade, de seus objetivos e suas metas.

Segundo Piaget, cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O período da adolescência marca a formação das operações formais, onde o desenvolvimento mental se completa, passando do pensamento concreto ao pensamento formal, ou seja, a capacidade de trabalhar operações lógicas, reflexões e teorias.

Piaget ainda considera a adolescência como o início da formação da personalidade do ser humano, já que nesta fase acontece de forma autônoma a organização de regras, valores, afirmação de suas ideias, formação de sua moral baseada em seus julgamentos.⁴

Por outro lado, pode-se considerar a adolescência como uma crise passageira, isto é, um divisor entre a infância e a idade adulta, marcada pelas transformações da puberdade e seus inúmeros questionamentos. Torna-se difícil compreender esse “novo mundo” que antes era percebido com outro olhar, com o olhar da infância.

É nesta fase que o ser humano dinamiza sua vida social de forma própria, e desperta em si um desejo de mudar sua realidade, que por ele é vista com desprezo ou desinteresse.

Ainda na adolescência, o ser humano pode ser visto como um idealista, capaz de criar suas próprias teorias filosóficas sobre a forma de ver o mundo, muitas vezes desassociadas de sua própria realidade. Essa forma de idealizar, por vezes não é compreendida pelos adultos, o que pode levar o (a) adolescente a criar um mundo próprio, isolado, sendo para si como um refúgio do lugar onde não se sente compreendido.

Todas essas questões contribuem para que sua personalidade seja ajustada a partir das experiências, das relações estabelecidas com o meio social. O julgamento de valores será o mediador de suas verdades. A descoberta de sentimentos e valores, seus conflitos, o desenvolvimento mental de forma mais abstrata, a busca por respostas aos seus inúmeros questionamentos, a conquista de autonomia, personificará o seu eu.

A adolescência, assim, se torna uma fase tão importante quanto as demais, mas que precisa de uma orientação por parte das mais distintas instituições que compõem a sociedade. O (a) adolescente precisa de um referencial, um modelo social que o ajudará na tomada de suas decisões, de suas escolhas. Para tanto, a sociedade deve mostrar-se compreensiva quanto aos conflitos vividos pelo (a) adolescente.

⁴ PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. p. 15.

1.2 O desenvolvimento psicosssexual

Freud, em sua teoria do desenvolvimento humano, apresenta-o da seguinte forma, numa perspectiva de desenvolvimento da sexualidade:

- *Fase oral* (do nascimento aos 12-18 meses): a boca é a ferramenta de contato da criança. Nesta fase, sugar e morder adquire especial importância. A questão do contato oral se torna a principal forma de conhecer o mundo; por isso tudo que a criança vê, procura levar à boca.
- *Fase anal* (dos 12-18 meses aos 3 anos): esta fase pode ser caracterizada pelo domínio na manipulação de alguns estímulos, como o defecar. O ânus é a região de maior satisfação, pois a criança descobre que pode dominar as fezes que saem do seu interior, criando ainda a noção de higiene.
- *Fase fálica* (dos 3 aos 5-6 anos): nesta fase, a criança tem noção das diferenças entre meninos e meninas, principalmente no que se refere aos órgãos sexuais. Algumas crianças até imaginam que o fato de a menina não ter pênis se deu pela castração do órgão. Neste momento também desperta o interesse especial do menino pela mãe, rivalizando-se com o pai, e da menina com o pai, rivalizando com a mãe.
- *Fase de latência* (dos 6 anos até o início da puberdade): a criança direciona seu prazer e suas forças para questões ligadas a ações sociais e educativas. Interessa-se por brincadeiras e jogos. Acontece nesse momento também, a sua formação moral sobre o que é certo ou errado, bem ou mal, a partir das relações sociais que ela vai desenvolvendo com o grupo familiar, escolar, etc.
- *Fase genital* (da puberdade em diante): esta fase se caracteriza pelo início da adolescência. Os impulsos sexuais se tornam mais evidentes, a descoberta da sexualidade, o interesse pelo sexo oposto tornam essa fase como de profundas transformações para o ser humano, pois nela haverá uma definição, por mais conflituosa que seja, de sua identidade que se ajustará posteriormente às suas experiências e descobertas. É também o rompimento com a infância. A fase da puberdade traz o amadurecimento do aparelho reprodutor, com a primeira menstruação e a primeira ejaculação.⁵

Na concepção de Freud, o desenvolvimento humano é explicado pela evolução da psicosssexualidade. A fase genital, que caracteriza o início da puberdade, traz novas pulsões sexuais genitais. O adolescente desenvolve os impulsos sexuais que são despertados pelas mudanças hormonais que ocorrem no organismo do púbere.

⁵ FREUD, S. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

1.3 O desenvolvimento psicossocial

Erik Erikson propõe oito estágios de desenvolvimento, considerando os aspectos biológicos, individuais e sociais. Esse processo de desenvolvimento psicossocial estabelece a construção da personalidade do indivíduo, que o acompanha em todo o ciclo da vida, isto é, desde o nascimento até a morte. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial.

1.3.1 Confiança X Desconfiança (até um ano de idade)

As relações estabelecidas desde o nascimento, com a mãe e com os familiares próximos da criança, produzem nela um sentimento de confiança gerado pelo cuidado que é dado a ela. Pois se este ambiente possibilita o atendimento de todas as necessidades apresentadas pela criança, ela sente-se protegida, segura. No entanto, quando essas atitudes se dão de forma contrária, a criança passa a apresentar um comportamento de insegurança, desconfiança, projetando esse sentimento nas outras pessoas.

1.3.2 Autonomia X Vergonha e Dúvida (segundo e terceiro ano)

Este estágio se apresenta no período de desenvolvimento da capacidade da criança em controlar determinados comportamentos, como andar, comer, pegar objetos; o desenvolvimento da linguagem verbal e de algumas habilidades. Surge um sentimento de independência; o desejo de realizar atividades de forma autônoma. Mas, quando ridicularizada, ruborizada, constrangida, a criança desenvolverá a vergonha, gerando um conflito de atitudes, instalando-se a dúvida. Sendo assim, é um estágio decisivo para a extensão de sentimentos de autocontrole, que futuramente o ajudará em seu desempenho social e profissional.

1.3.3 Iniciativa X Culpa (quarto e quinto ano)

Nesta fase o ser humano apresenta a iniciativa de desenvolver determinadas atitudes consideradas por ele como prazerosas. Também pode ser notado nessa fase um desenvolvimento melhor da linguagem oral e da comunicação. A criança torna-se mais ativa e expansiva, interessada a relacionar-se com outras crianças, ajudá-las, construir algo com elas, o que a leva a desenvolver um julgamento de

suas atitudes e associação de valores. Esse julgamento se dá a partir dos limites estabelecidos pelos adultos às atitudes que a criança desenvolve no ambiente, permitindo assim o surgimento do sentimento de culpa. Assim, a criança agrega atitude e consequência, objetivo e resultado. Ainda nessa fase é possível a criança identificar as diferenças sexuais, definindo o papel do pai e da mãe, homem e mulher, identificando-se com um deles, naturalmente com o genitor do mesmo sexo.

1.3.4 Indústria X Inferioridade (dos 6 aos 11 anos)

A criança demonstra capacidade de desenvolver determinadas tarefas; deseja também se tornar, assim como os adultos, um produtor, um construtor a partir de suas habilidades e das ferramentas que estão em seu ambiente. Essa motivação pode ser evidenciada no ambiente escolar, ou não necessariamente. Quando realizada de forma positiva, a criança desenvolve um sentimento de capacidade, sua auto-estima é elevada, pois se sente segura de que pode realmente fazer. Por outro lado, quando deparada com algum fracasso e isso não é superado, há então um sentimento de inferioridade, de impotência. Sendo, assim, importante que a sociedade e a família ajudem-na a superar o fato e estimulem o desenvolvimento de outras habilidades. Nessa perspectiva, a criança futuramente se tornará um indivíduo ativo e seguro de suas capacidades.

1.3.5 Identidade X Confusão de Papéis (dos 12 aos 18 anos)

Esta fase caracteriza-se com o fim da infância e o início da puberdade e da adolescência. Além das mudanças físicas que são evidenciadas, esta fase também é marcada pelos conflitos que surgem em sua mente, pelos novos sentimentos que agora surgem, pela busca de um sentido. Enfim, o (a) adolescente busca sua identidade diante de um novo mundo que lhe é apresentado, um mundo de novas responsabilidades, de compromissos, etc. Nessa busca, é comum a associação dos (as) adolescentes a grupos, assimilando seus comportamentos, suas ideologias, sua maneira de viver, na tentativa de encontrar algo em comum que os identifique. É uma forma de sentirem-se parte de algo. Por outro lado, uma questão a considerar nessa fase, é a confusão de papéis quanto a sua própria identidade sexual, que pode ser estimulada por sentimentos e desejos não tão bem compreendidos. Essa

fase é ainda o processo de definição dos valores sociais e culturais que passam a ser ajustados à personalidade do adolescente.

1.3.6 Intimidade X Isolamento (jovem adulto)

Corresponde ao período que vai dos 20 aos 30 anos aproximadamente. Ao sentir-se com a personalidade e identidade definidas, o (a) jovem adulto sente-se preparado para relacionar-se de forma mais íntima com outras pessoas, seja no sentido sexual, social ou profissional. Os laços de confiança são reforçados à medida que o ambiente lhe transmite confiança. Por outro lado, poderá haver um distanciamento em relação às pessoas nas quais ele (a) não se sente seguro/a, ou por acreditar que elas representam algum perigo, evitando contatos às vezes necessários. Surge então o preconceito, a desconfiança, a competitividade. Para mediar essa situação comportamental, o senso ético apresenta-se como forma de controlar, ou pelo menos direcionar, seu “universo”.

1.3.7 Generatividade X Estagnação (meia idade)

Fase em que o ser humano considera-se, de alguma forma, útil à sociedade. Disposto a contribuir na formação de novas gerações, na melhora da produção e da criatividade, na organização da comunidade, envolve-se em questões sociais, políticas, projetos, vendo-se até mesmo como um referencial para outros. Há alguns anos a generatividade poderia consolidar-se com o casamento e criação de filhos. Atualmente ela pode se expressar pelo sucesso profissional, pela estabilização de planos, e outros, sendo esta fase estimuladora da área psicossocial e psicossocial. Em outra perspectiva, pode desenvolver-se um estado de estagnação, isto é, uma necessidade de afirmar para si ou para outros sua utilidade, sua virilidade, pelo fato de suas perspectivas não assumirem posições significativas e concretas.

1.3.8 Integridade X Desesperança (velhice)

A partir das experiências acumuladas em sua vida no decorrer das idades anteriores, o ser humano passa a refletir de forma cautelosa sobre suas ações e seus significados. Compartilha com os mais jovens e inexperientes conselhos e experiências como forma de transferir tudo que acumulou em sua vida. Pode haver,

então, um sentimento de dever cumprido, o que lhe tranquiliza e o encoraja a enfrentar a morte de forma natural, encerrando seu ciclo de vida. Ou, um sentimento de desespero, por idealizar que nada fez; que precisa melhorar como pessoa, na família, no trabalho na sociedade. Sente que o tempo está acabando e que não resta mais o que fazer, sentindo-se descontente com tudo. Na verdade, esse descontentamento esconde sua desesperança. O medo de tudo acabar para ele.⁶

1.4 O desenvolvimento da fé

Outro aspecto do desenvolvimento humano que merece ser evidenciado se relaciona à fé. E para abordar essa questão se torna interessante apresentar os conceitos de James Fowler.

Para Fowler, a fé passa por um processo de desenvolvimento na vida do ser humano, o que ele considera em seis estágios.

Estágio 1: Fé Intuitivo-Projetiva (dos três aos sete anos de idade). É caracterizado pela capacidade de a criança utilizar-se da imaginação para explorar e classificar o mundo que cada dia se apresenta como algo novo, onde não se percebe uma forma lógica de compreender o mundo. Da mesma forma, nesse estágio, a criança reproduz os diferentes símbolos que são influenciados por sua cultura.

Estágio 2: Fé Mítico-Literal.(dos oito aos 12 anos de idade) Neste estágio o ser humano é capaz de desenvolver habilidades mentais relacionadas ao operacional concreto. A fé apropria-se de elementos, das crenças e costumes da cultura do sujeito, de forma lógica e com definição, passando a ter controle e ordem dos símbolos que lhe são apresentados a partir da narrativa, das histórias.

Estágio 3: Fé sintético-convencional (se inicia na adolescência). As relações interpessoais são mais evidenciadas, como escola, trabalho, amigos, etc. Nesse estágio se dá o processo de personificação da identidade do indivíduo. Por exemplo, o (a) adolescente, ao estabelecer relações sociais, procura um referencial, alguém em que possa se espelhar, que lhe oriente com as diversas transformações que estão ocorrendo. Nessa perspectiva, há um conjunto de agentes influenciadores (família, escola, amigos, mídia, cultura) que contribuirão de forma positiva ou

⁶ ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 227-248.

negativa para a construção ou afirmação de sua fé e seu equilíbrio e a formação de seu próprio mito.

Estágio 4: Fé individual-reflexiva. (aproximadamente dos 18 aos 35 ou 40 anos de idade) Neste estágio há um despertar crítico para os valores formados nos estágios anteriores. A visão de mundo se amplia e o ser humano passa a refletir de forma mais profunda sobre os fatos que fazem parte de sua realidade política, social e cultural. Essa reflexão por vezes, ocasiona um novo significado de fé, pois as imagens construídas anteriormente passam a ser questionadas, passando para uma construção mais racional. Representa uma revolução em seus conceitos, gerando conflitos com sua forma de idealizar o mundo e a forma como ele se apresenta. Este estágio é marcado pela capacidade de pensar criticamente sobre a identidade e a expectativa, isto é, suas idéias.

Estágio 5: Fé conjuntiva. (após os 35 ou 40 anos de idade) É o estágio em que o indivíduo desenvolve a capacidade de perceber e compreender o outro de forma mais tolerante. Isto é, no sentido religioso, se reconhece que os símbolos, as doutrinas, os costumes que constituem sua tradição religiosa e até outras tradições, são parciais ou até mesmo particulares; a forma de como são relacionadas à existência de Deus e suas experiências de fé. O que permite que o sujeito se relacione, conheça, converse com outras tradições religiosas sem abandonar a sua ou até mesmo retaliar a outra. Possibilita uma abertura para a verdade do outro.

Estágio 6: Fé universalizante. (estágio extremamente raro) Este estágio se caracteriza pela visão de uma fé universal, estimulada a defender e lutar pela justiça social, pelo bem comum, pela unificação dos povos, pelos direitos universais. Muitos que desenvolvem este estágio tornam-se mártires de alguma causa pela qual lutavam. Sua ideia de sociedade, de comunidade, apresenta-se de forma universal, sem que as particularidades de cada uma sejam negadas, ao contrário, são afirmadas como parte da universalização. Neste estágio é possível o relacionamento entre as pessoas de diferentes estágios ou tradições religiosas.⁷

Podemos destacar nessas diferentes teorias ou conceitos que a fase da adolescência é um momento de rompimento social, psíquico, sexual e religioso significativo na vida do ser humano, que precisa ser percebido e compreendido

⁷ FOWLER, James W. *Estágios da fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.* São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 108-171.

pelas instituições sociais (família, escola, Igreja, etc.) na intenção de promover um atendimento seguro e confiável. Se o adolescente se sentir compreendido, aceito, acolhido, ele terá maiores capacidades de se inserir no meio em que vive.

1.5 O que é Adolescência

Adolescência pode trazer elementos históricos da seguinte maneira:

[...] “é o longo período de desenvolvimento individual entre a infância e a maturidade. Como faixa etária de mudanças biopsicossociais, a adolescência apresenta características, comportamentos e tarefas específicas próprias. Um período de vida claramente diferente do das outras idades” [...]⁸.

Etimologicamente a palavra adolescência provém do latim *adolescere*, que significa “crescer”, “brotar”, “ficar grande”⁹. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é considerada adolescente, a pessoa com faixa etária entre doze e dezoito anos¹⁰. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) são considerados adolescentes jovens com faixa etária entre 10 e 19 anos.¹¹

A adolescência, entre algumas considerações que se pode apresentar, é a “etapa-chave no desenvolvimento do ser humano”¹², pois esta fase é marcada por mudanças de significados importantes relacionados aos aspectos físico, mental e social. É a transição entre a infância e a idade adulta que conjuntura seu processo de formação como ser social dinâmico: “[...] se refere ao desenvolvimento da identidade do eu, à autonomia pessoal e aos aportes próprios com respeito à individuação assim como a enculturação [...]”¹³

Sendo a adolescência uma fase importante no processo de formação psicossocial do ser humano, é importante perceber de que forma os fatores externos a influenciam, principalmente os fatos vivenciados no ambiente escolar, as pessoas, os acontecimentos do seu cotidiano, a cultura, etc.

⁸ DAUNIS, Roberto. *Jovens: Desenvolvimento e Identidade*: Troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 53.

⁹ DAUNIS, 2000, p. 52.

¹⁰ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o *Estatuto da Criança e do Adolescente* e dá outras providências. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Legislação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 01 out 2011.

¹¹ World Health Organization. *Saúde do Adolescente*. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/>. Acesso em: 01 out. 2011

¹² DAUNIS, 2000, p. 11.

¹³ DAUNIS, 2000, p. 53.

A adolescência então pode ser vista, segundo Daunis, como um longo processo de amadurecimento. Como faixa etária de transformações biopsicossociais, a adolescência apresenta peculiaridades, comportamentos e tarefas particulares. É um período de vida visivelmente distinto do de outras fases, sendo assim, deve ser encarado não apenas como um período temporário de transição, mas como uma fase que merece atenção e orientação.¹⁴

Erik Erikson trata a fase da adolescência como a fase da busca de um novo sentido, de uma identidade, de um referencial, na qual o ser humano trava inúmeras batalhas interpessoais. O adolescente familiariza-se a grupos, estilos, comportamentos, como forma de projetar sua personalidade.

A adolescência pode ser ainda caracterizada como uma fase de escolhas significativas. A escolha pelo curso, pela profissão, o (a) namorado (a), a fé que deve expressar, a sua filosofia de vida, etc. Tomar essas decisões, para muitos, se torna conflituoso. Para alguns, há a liberdade da livre escolha, para outros, uma imposição cultural, social ou familiar. De ambas as formas é importante perceber que durante essa fase nenhuma escolha é fácil.

Muitas vezes as atitudes do (a) adolescente são avaliadas com muita crítica, devido à falta de experiências. Diante dos desafios que lhe são colocados, há uma forte pressão quanto ao acerto. O (a) adolescente não pode se sentir pressionado (a) a atender as expectativas da sociedade. Deve-se entender que suas experiências iniciais são importantes para sua formação, mesmo que elas resultem em erros. No entanto, não se deve desvincular o papel da família, da escola e da sociedade como um todo, em orientá-lo (a) no contexto no qual está inserido, sendo que as escolhas são unicamente dele (a).

1.6 A formação da personalidade do (a) adolescente

Para Erikson¹⁵, a mente do (a) adolescente é uma mente ideológica que é afetada pela visão ideológica de uma determinada sociedade. O (a) adolescente procura afirma-se como parte do grupo social, como forma de assemelhar-se a ele. Partindo desse princípio de entender a forma de pensamento do (a) adolescente é preciso perceber os valores cultivados pela sociedade moderna e o modelo de

¹⁴ DAUNIS, 2000, p. 53.

¹⁵ ERIKSON, 1976, p. 242.

sujeito que é referência. Os valores podem se distinguir de uma cultura para outra. E são eles que influenciarão na forma de pensar e agir dos (as) adolescentes, estimulando suas ideias, seu objetivo de luta política, seu modelo de vida a seguir, etc.

Na adolescência acontece a elaboração da identidade pessoal do indivíduo, a construção do eu de forma consciente, formando-se como um sujeito ativo, autônomo, responsável¹⁶. Um determinado modelo social pode ser pregado, mas o indivíduo terá suas particularidades que o distinguirá dos demais indivíduos.

Entender essa questão é necessário para compreender o comportamento do (a) adolescente e as diferentes mudanças ocorridas nessa fase: físicas e comportamentais. O próprio Erikson fala sobre esta crise na adolescência:

“Crescendo e desenvolvendo-se, os jovens arrostam essa revolução fisiológica interior e, com as concretas tarefas adultas à sua frente, preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e habilidades anteriormente cultivados com os propósitos ocupacionais do momento. Em sua busca por um novo sentido de continuidade e coerência, os adolescentes têm que voltar a travar muitas das batalhas dos anos anteriores, mesmo que para isso devam designar artificialmente pessoas inteiramente bem intencionadas para representar os papéis de adversários; e estão sempre dispostos a instituir ídolos e ideais duradouros como guardiões de uma identidade final”¹⁷.

De certa forma, a transição da infância para a adolescência é como despertar de um mundo de conto de fadas, fantasias, para uma realidade de conflitos pessoais, buscando sua própria identidade, um referencial, construindo o Eu.

Percebo que, os valores, as atitudes, os ideais que formam o caráter dos (as) adolescentes estão associados a todo seu processo de formação pessoal desde a infância. Na adolescência esses valores são ajustados, formando seu conceito de vida, expresso em sua prática e em sua maneira de pensar.

Na sociedade de hoje, por vezes, se torna difícil ter um referencial. A princípio espera-se que esse referencial seja alguém da família. Mas em alguns casos, o (a) adolescente não se identifica com um indivíduo do grupo familiar,

¹⁶ DAUNIS, 2000, p. 55-57.

¹⁷ ERIKSON, 1976, p. 240.

buscando alguém fora dele. A formação da personalidade do (a) adolescente se dá no processo de socialização estabelecido com a realidade que ele vivencia, tendo em consideração os aspectos culturais, seus aspectos particulares e a forma como o dinamismo social se estabelecem¹⁸.

A inclusão em outros grupos, a necessidade de socializar-se, o faz conhecer diferentes valores, o tipo de conduta que deve ter, as regras a serem respeitadas, etc. E para se identificar ou se tornar parte do grupo, ajusta-se às condições que são exigidas. É a partir dessas relações que se forma a personalidade, ajustada às necessidades sociais que ele julga importantes para si¹⁹.

Nessa perspectiva, percebe-se o espaço escolar, no qual o (a) adolescente passa boa parte do seu tempo no processo de ensino e aprendizagem, como ambiente do processo de seu desenvolvimento social e cultural, contribuindo de forma positiva e estimulando atitudes necessárias para formação de seu caráter e sua inclusão no meio social. O interesse desta pesquisa é entender de que forma o componente curricular de Ensino Religioso influencia na orientação e formação social do (a) adolescente. Ver como o adolescente compreende o componente como algo dinâmico no seu contexto social e de que forma as metodologias desenvolvidas pelos docentes o (a) estimulam no interesse pelo componente curricular.

¹⁸ DAUNIS, 2000, p. 56.

¹⁹ DAUNIS, 2000, p. 129-130.

2 O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA E NO ENSINO FUNDAMENTAL

O Ensino Religioso foi, durante muito tempo, entendido como um espaço na escola que ensina Religião, e não como estudo do fenômeno religioso em suas diferentes características.

Por vezes, o professor, por não entender o Ensino Religioso como um componente curricular que trata do fenômeno religioso, o apresenta aos alunos de acordo com seus próprios princípios de fé e de crença.

Por outro lado, o (a) adolescente, por não comungar da mesma fé que o professor (a), sente-se incomodado e até mesmo constrangido com a aula. Sendo, talvez este, um dos motivos pelos quais alguns adolescentes não demonstram interesse pelo Ensino Religioso, pois não o percebem como parte do seu contexto.

Mas, que contribuições no processo de formação do indivíduo o Ensino Religioso tem a oferecer para o (a) adolescente? Certamente não se define a pregar uma determinada religião ou defender uma verdade absoluta e a condenar outras. Espera-se que, no contexto escolar, trate do fenômeno religioso como uma expressão cultural das diferentes sociedades humanas, partindo da concepção de que, independente da fé, do credo ou da cultura, deve-se ser tolerante, respeitando as várias formas do ser humano expressar sua religiosidade ou não.

Para o (a) adolescente, que está em processo de formação de sua identidade, de suas descobertas, há inúmeras perguntas relacionadas à fé, a Deus, ao mundo, etc., e nesse contexto se torna importante que o Ensino Religioso não seja uma ferramenta de doutrinação, mas uma porta aberta na qual ele possa expressar suas experiências religiosas.

Deve-se levar em conta que os adolescentes vieram de contextos religiosos diferentes, sendo então importante que a escola se mostre aberta ao diálogo e ao estudo das diferentes formas de confissão de fé.

2.1 O Ensino Religioso na escola

Antes de tratar do Ensino Religioso na escola, se torna interessante apresentar algumas definições. Xavier em sua obra, *Contribuição do Ensino*

Religioso no acesso à fé, traz algumas concepções. Como exemplos, podem ser citados três: na perspectiva confessional, o Ensino Religioso pode ser um processo pelo qual uma tradição de fé é transmitida de uma geração à outra; no âmbito das ciências da religião ele é compreendido como uma ciência que aborda a religião enquanto um fenômeno humano; e na perspectiva antropológica filosófica, visa proporcionar aos estudantes uma compreensão melhor e discutir de forma mais objetiva a esfera do transcendente.²⁰

No contexto da história do Brasil, o Ensino Religioso está presente desde a época do início da colonização portuguesa no século XVI. Os colonizadores trouxeram consigo sua fé articulada nos dogmas do cristianismo católico para a catequização dos povos indígenas que aqui viviam. Os padres jesuítas eram os principais responsáveis pelo ensino²¹, instruindo-os na perspectiva da transmissão de uma cultura que visava à adesão ao catolicismo.

Posteriormente, os negros, trazidos do continente africano como mão de obra escrava, foram “educados” segundo os princípios ideológicos dos colonizadores, estruturados no Ensino Religioso²². Sendo possível, assim, a associação entre fé e servidão, isto é, a afirmação de um discurso de aceitação do cristianismo na perspectiva de tornar indígenas e africanos “humanizados”, e a obediência aos seus senhores como reflexo da vontade de Deus.

Importante notar que, por meio do Ensino Religioso, era anulada a tradição religiosa dos indígenas e dos negros, pois diante dos dogmas do cristianismo, tal tradição era considerada pagã, demoníaca. O ensino era ministrado exclusivamente por clérigos da Igreja Católica, sendo proibido que leigos o fizessem, resultando em duras punições²³.

No século XIX, a Constituição do Brasil (1824) reafirma a Igreja Católica como Igreja oficial²⁴, e dessa forma nas instituições de ensino era ministrada um

²⁰ XAVIER, Mateus Geraldo. *Contribuição do Ensino Religioso no acesso à fé: uma leitura teológica pastoral*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 13-14.

²¹ COTRIM, Gilberto Vieira. *Fundamentos da Educação: história e filosofia da educação*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1981. p. 261.

²² PASSOS, Rita Estefânia Luz dos. *Ensino religioso no contexto escolar: educação em valores*. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. p. 17.

²³ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; WAGNER, Raul. *O Ensino Religioso no Brasil*. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 23.

²⁴ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Planalto. *Constituição política do império do Brasil* (de 25 de março de 1824). Disponível em:

Ensino Religioso voltado aos ideais do catolicismo, privilegiando assim, uma ideologia de fé nos moldes do cristianismo, e desmerecendo outras culturas religiosas.

Mas, ainda no Império nasce a ideia do respeito à diversidade da população, e isso faz com que Rui Barbosa, em um projeto relativo à Constituição, proponha em seu artigo primeiro, terceiro parágrafo, que nas escolas mantidas pelo Estado não deveria ser imposta uma crença²⁵. A partir dessa concepção, se percebe uma nova postura do Estado em defender a Escola como um ambiente de formação do cidadão e não de formação religiosa, e isso faz com que a Igreja Católica perca seu monopólio sobre o ensino.

Os ideais que o Estado se apropria estão fundamentados no positivismo, que tem a intenção de incluir no contexto dos componentes curriculares, disciplinas científicas, e isso leva Estado e Igreja a um conflito de interesses.

No início do século XX, a Constituição de 1934, no artigo 153, admite o Ensino Religioso como facultativo, tendo em consideração os princípios da confissão religiosa do (a) estudante, a partir do interesse dos pais ou responsáveis de que o (a) estudante curse ou não o componente. O Ensino Religioso é obrigatório na escola, mas permite que o estudante tenha o direito em optar pela matrícula.²⁶

Nessa perspectiva, o Ensino Religioso vai perdendo sua função catequética no ambiente escolar com finalidade de doutrinar os estudantes. A escola descobre-se cada vez mais autônoma e aberta a novas discussões e possibilidades, e o Ensino Religioso se depara com um pluralismo religioso que se evidencia cada vez mais, tendo então que reestruturar-se diante dessa nova realidade para manter-se como elemento integrante no processo educativo.

No decorrer dos anos, o Ensino Religioso passou por várias discussões quanto a sua finalidade e importância, para uma sociedade que gradativamente passa por significativas mudanças em seus aspectos sociais, econômicos e culturais.

<<http://tudoehistoria.pro.br/documentos/Constitui%E7%E3o%20brasileira%20de%201824.pdf>>.

Acesso em: 18 jan. 2012.

²⁵ JUNQUEIRA; WAGNER, 2004, p. 24.

²⁶ JUNQUEIRA; WAGNER, 2004, p. 25.

Dessa forma, há aqueles que defendiam um Estado Laico, que pregavam a retirada do Ensino Religioso da matriz curricular da escola, e outros que defendiam o Ensino Religioso como componente indispensável da formação cidadã e moral dos brasileiros.²⁷

Tornava-se importante que o Ensino Religioso se definisse em uma nova identidade, diferente da que durante anos foi apresentada como catequização, ensino de religião. Passa a ser importante no processo de formação do cidadão no ambiente escolar sem correr o risco de tornar-se mais uma vez, uma ferramenta de doutrinação.

Para que o Ensino Religioso assumisse uma nova identidade, se tornou necessário a realização de pesquisas e estudos com a finalidade de estruturá-lo de acordo com as novas condições em que o Estado, a sociedade e a escola se encontravam.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4024/61, regulamentou o Ensino Religioso em seu Art. 97:

Art. 97 - O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os cofres públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

1º parágrafo - A formação de classe para o Ensino Religioso independe de nº mínimo de alunos.

2º parágrafo - o registro dos professores de Ensino Religioso será realizado perante a autoridade religiosa.²⁸

Neste caráter legislativo, o Ensino Religioso volta a estar presente no currículo escolar, permitindo-se que o estudante tome a decisão de cursar ou não, e defendendo a confissão religiosa de cada indivíduo. Mas aulas deveriam ser ministradas por representantes da autoridade religiosa, sem ônus para os cofres públicos. Dessa forma ainda são percebidas algumas dificuldades quanto à normatização do Ensino Religioso, como é demonstrado no III Fórum Mundial de Teologia e Libertação (2009).

²⁷ CASSEB, Samir Araújo. Ensino Religioso: Legislação e seus desdobramentos nas salas de aula no Brasil. In: III FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO. Belém: Água, Terra e Teologia, 2009. p. 291.

²⁸ PASSOS, 2009. p. 21.

- Antagonismo entre as propostas dos defensores da laicidade do Estado (retirada do Ensino Religioso) e os defensores do princípio de que o Ensino Religioso faz parte da formação integral (moral e valorativa) do cidadão;
- Interesse das tradições religiosas em ampliar seu quadro de fiéis e a influência exercida pela autoridade eclesial da região;
- A indicação de representantes evangélicos para a função de professor visto o grande número de variações de denominações protestantes;
- As discussões sobre a reforma proposta pelo Concílio Vaticano II ²⁹

No âmbito da atual legislação educacional brasileira, o Ensino Religioso é instituído como matrícula facultativa, sendo parte integrante da formação do cidadão. É constituída como um componente em horários normais, sendo assegurado o respeito às distintas culturas religiosas do Brasil, proibido qualquer tipo de proselitismo.³⁰

Nessa perspectiva, o Ensino Religioso no ambiente escolar, a partir das discussões realizadas em torno de sua contribuição no processo de formação do cidadão, e as mudanças ocorridas quanto ao entendimento de sua finalidade, vem tornando-se um campo de conhecimento mais humanista, isto é, interessado em compreender o ser humano de forma mais ampla, a partir não apenas dos seus aspectos religiosos, mas dos aspectos culturais, sociais, psíquicos, etc.

O Ensino Religioso na Escola passa assim a revestir-se de novos conceitos, atendendo as indagações, as transformações e as necessidades de nossa época. Colaborando na construção de uma sociedade mais ecumênica, próxima de um discurso e uma convivência onde todas as expressões de fé tenham espaço para serem ouvidas, compreendidas e respeitadas.

2.2 Adolescente e Escola

Sobre o adolescente, algumas considerações já foram feitas. Para tratar sobre a relação entre adolescente e escola, se faz necessário também, abordar um pouco sobre a Escola.

²⁹ CASSEB, 2009. p. 295.

³⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional*. 5. ed. Biblioteca Digital, 2010. p. 27-28. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em 18 de jan. 2012.

A Escola antes de tudo é uma instituição social que tem entre outras finalidades, preparar o sujeito para inserir-se na sociedade de forma a atender seus desafios e expectativas³¹.

É de se afirmar que, na Escola os conhecimentos construídos historicamente por uma cultura ou por diferentes culturas são socializados, a fim de, tornar o sujeito consciente das transformações que fazem parte de sua realidade, e sua visão de mundo amplie-se de forma a torná-lo mais crítico e construtivo, a partir dos conceitos e teorias que foram desenvolvidos ao longo da história da humanidade.

A Escola é ainda, segundo Paulo Freire, o espaço social que valoriza e cultiva as relações entre família, comunidade e manifestações populares, promovendo a troca de aprendizagem.³²

Apesar de inicialmente ter surgido com a finalidade de atender aos interesses das classes sociais dominantes, como aparelho ideológico a serviço de sua manipulação³³, a Escola tornou-se uma instituição voltada aos interesses de toda a sociedade sem distinção de classe social, de gênero, de fé, ou cultura, promovendo assim, se pode chamar de *democracia aos sujeitos sociais*, onde as oportunidades devem ser possibilitadas de forma igualitária a todos os indivíduos.

A Escola, sem dúvidas, tem desenvolvido um papel de extrema importância na formação da sociedade. Pois ela influencia e é influenciada pelos ideais e valores de uma cultura, de uma sociedade. Por meio dela é possível a formação e o desenvolvimento de mentes intelectuais que certamente favorecerão a continuidade do progresso de uma nação.

É possível afirmar que, para o adolescente, a escola é o espaço de socialização com os diferentes indivíduos que fazem parte da sociedade. É o ambiente que favorecerá o seu desenvolvimento e inclusão no meio social. Mas, também, é onde ele se sente a vontade para relacionar-se com outros adolescentes, compartilhar suas ideias, opiniões, suas experiências trazidas de casa, interagir com outros hábitos culturais, influenciar como ator social, ser influenciado, encontrar

³¹ BRANDENBURG, Laude Erandi. *A Interação Pedagógica no Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 13.

³² FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 49.

³³ BRANDENBURG, 2004, p. 15.

respostas para muitos de seus questionamentos relacionados à sua própria identidade, e onde pode ter experiências que o marcarão ao longo de sua vida³⁴.

Mas por vezes a Escola tem se apresentado como um mundo distante dos ideais dos adolescentes. Este não consegue perceber a proximidade entre sua vida e a vida escolar. Quando isto acontece, há um comprometimento do desempenho escolar do adolescente, pois se percebe um retraimento por parte do discente³⁵.

Nessa perspectiva, é importante que a Escola se avalie como ambiente atrativo ao adolescente. Não é errado se auto-avaliar, identificar os pontos fracos de sua estrutura pedagógica, de sua proposta educacional. Antes de tudo, a escola tem que se perceber quanto ao seu espaço e tempo, isto é, quanto ao lugar em que está, percebendo as necessidades que existem, os fatos que ocorrem na comunidade ao qual está inserida, e quanto à época em que está, os novos valores que são compartilhados pela sociedade. Não se pode ficar preso a um sistema educacional que esteja já ultrapassado.

Partindo dessa iniciativa, é possível reestruturar-se na possibilidade de encontrar novas formas, métodos, propostas de ensino, habilidades que se tornem atrativas e necessárias ao processo de aprendizagem no qual o adolescente está envolvido.

Deve preocupar-se em compreender, como a (o) adolescente pensa, quais suas expectativas, seus anseios, seus ideais, etc. A Escola deve apresentar-se como uma instituição preocupada com o bem estar e com a formação desse sujeito, inovando-se cada vez mais sem perder sua qualidade e seus objetivos.

A Escola, assim, deve projetar para o adolescente, como espaço onde possa compartilhar suas vivências e exercitar a convivência com outros sujeitos da sociedade.

Na verdade, a escola ainda pode ser entendida como uma pequena amostra do que é o universo social, pois nela, principalmente na escola pública, praticamente é possível perceber os mais distintos grupos que formam a sociedade.

³⁴ ALVES, Silvia Cristina Hack. *O olhar de adolescente-alunos/as sobre o sentido da vida: interações com um contexto escolar*. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. p. 102.

³⁵ ALVES, 2009, p. 104.

Nessa situação, o (a) adolescente busca encontrar sua identidade³⁶, associando-se com o grupo ao qual se identifica ou desenvolvendo uma identidade própria que o diferencie dos demais, se não, sente-se confuso com seus conflitos intrapessoais, ao ponto de retrair-se dos demais.

Sendo um ambiente no qual o (a) adolescente passa boa parte de seu tempo, a escola se torna importante instituição capaz de influenciar em sua vida, deixando profundas marcas, nesta fase de desenvolvimento a qual está passando, a adolescência.

Pensando dessa forma, cabe à Escola, também, preocupar-se com as impressões que o adolescente levará para o resto de sua vida, e com o perfil do sujeito que pretende apresentar a sociedade.

2.3 O Currículo para o Ensino Religioso – parâmetros do FONAPER

O Currículo Escolar é um dos principais elementos a ser definido e organizado no processo do ensino e aprendizagem. Pois a partir dele é possível definir as identidades, os ideais e objetivos da instituição escolar.

Certamente o currículo escolar não pode ser definido ou compreendido como um conjunto de conteúdos a serem assimilados pelos estudantes ou até mesmo como algo distante do seu contexto de vida. É necessário levar em consideração importantes aspectos em sua elaboração, como por exemplo, o perfil dos estudantes, a cultura local, a história social, as problemáticas vivenciadas, as experiências dos discentes, entre outros. Segundo Sacristán, o Currículo em alguns âmbitos de atuação, quanto a sua função social, pode ser compreendido como uma ponte entre sociedade e a escola.³⁷

O Currículo é também, um reflexo dos conflitos entre interesses que estão presentes na sociedade e os valores dominantes que conduzem os processos educativos³⁸. Norteado por um critério de seleção, de acordo com a visão da instituição de ensino, o currículo assim, reflete as intenções e ações que se efetivam

³⁶ ERIKSON, 1976, p. 240.

³⁷ SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 14.

³⁸ SACRISTÁN, 2000, p. 17.

com o trabalho do professor diante das condições estabelecidas pela instituição. Definir Currículo é também descrever as funções da Escola.³⁹

Sendo assim, a estrutura do Currículo, é inicialmente uma das preocupações que a Escola deve ter para o desenvolvimento de sua função como instituição social formadora de sujeitos sociais críticos, autônomos e capazes de lidar com a realidade social. Lembrando ainda que, o Currículo não está associado apenas à seleção de conteúdos teóricos, mas também, práticos que demonstrem seu significado.

Especificamente quanto ao Currículo para o Ensino Religioso, o critério de organização e seleção não deve ser diferente aos demais componentes curriculares. Devem-se levar em consideração todos os aspectos já citados: perfil dos discentes, seus aspectos culturais, a história social, as problemáticas vivenciadas, as experiências dos estudantes, etc. Sem, no entanto, esquecer-se da diversidade religiosa visivelmente presente no contexto da escola pública.

Transformações significativas ocorreram no processo educativo permitindo que o Ensino Religioso ampliasse ainda mais seu campo de conhecimento e estudo.

Evidente que atualmente há muita produção bibliográfica referente ao Ensino Religioso, mas muitos docentes não têm acesso. Isso pela falta de investimento na divulgação ou interesse por parte das secretarias de educação.

As bases da organização e elaboração do Currículo escolar devem estar embasadas no Projeto Político Pedagógico da Escola, nas diretrizes curriculares nacionais e nos parâmetros curriculares estaduais. Sendo de responsabilidade da Escola, a tarefa de delimitar sua abrangência de acordo com as orientações do sistema de ensino no qual está inserida.⁴⁰

No entanto, é ainda um desafio para algumas escolas, quando se trata da organização e elaboração do currículo para o Ensino Religioso. Isso se deve ao fato dessas instituições não estarem preparadas aos novos desafios presentes no Ensino Religioso, como o fato de terem que lidar com um ensino voltado para o estudo do fenômeno religioso e não o ensino de uma determinada prática religiosa.

Para isso, é importante que sejam promovidos e acompanhados, encontros, fóruns e eventos que discutem e refletem sobre o Ensino Religioso. Permitindo

³⁹ EYNG, Ana Maria. *Currículo escolar*. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpex, 2010. p. 18.

⁴⁰ BRANDENBURG, 2004, p. 145.

assim, que os educadores e pesquisadores apresentem suas propostas e resultados aos desafios presentes nesse campo de conhecimento.

O FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, desde sua criação em 1995, muito tem contribuído com a realização de congressos, seminários, encontros, capacitações e diversas publicações, para que pesquisadores e professores tenham espaço em estudar, debater e conceber a leitura pedagógica do Ensino Religioso, buscando disponibilizar explicações sobre o direito à diferença, apreçamento a diversidade cultural e religiosa presente na sociedade, na durável finalidade de promoção dos direitos humanos.⁴¹

Uma das grandes conquistas do FONAPER foi a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) marcando um passo histórico na educação brasileira. Essa publicação apresenta uma proposta para o Ensino Religioso voltada para o estudo do fenômeno religioso sem proselitismo. Permite perceber por meio das transformações sociais e culturais, a nova compreensão que se construiu do Ensino Religioso no contexto atual. Sendo a Escola um espaço socializador do conhecimento por meio dos conteúdos, permitindo assim, que as distintas culturas sejam “ouvidas” e compreendidas quanto a sua característica religiosa em espaço e tempo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) propõem um Ensino Religioso com objetivos, formas de avaliação e conteúdos concernentes a cada ciclo do Ensino Fundamental. Sendo então entregue ao Ministério da Educação (MEC) em outubro de 1996⁴².

Com essa proposta, fica possível a elaboração e organização do um Currículo para o Ensino Religioso mais rico e possível. Permitindo, assim, um novo perfil para o componente curricular. Na verdade, essa é a proposta do FONAPER, possibilitar ações facilitadoras ao Ensino Religioso, que redefinem e afirmem o componente curricular nas instituições de ensino como campo de conhecimento do fenômeno religioso e não como afirmação de doutrina religiosa. Sendo importante

⁴¹ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Carta ao professores de Ensino Religioso*. Disponível em: <<http://www.fonaper.com.br/noticia.php?id=873>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

⁴² FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino religioso*. Disponível em: <http://www.fonaper.com.br/documentos_parametros.php>. Acesso em: 25 ago. 2012.

que essa ferramenta, talvez não conhecida por muitos educadores, o PCNER, seja de acesso as escolas que incluem em sua estrutura curricular o Ensino Religioso, como forma de melhorar sua oferta de ensino.

Significativamente, o FONAPER representa a possibilidade de educadores e pesquisadores do Ensino Religioso ampliar e melhorarem suas fontes de trabalho, permitindo que o componente curricular se estruture e se afirme ainda mais como uma ciência humana, capaz de contribuir consideravelmente na compreensão e na formação dos sujeitos sociais e em suas relações.

2.4 A formação de professores

Para que o ensino seja de qualidade, uma das ações a desenvolver-se necessariamente é o investimento na formação continuada. Pois possibilita aos docentes, a oportunidade de atualizarem-se e desenvolverem novas formas de conhecimento no âmbito do ensino e aprendizagem.

No que se refere ao Ensino Religioso, é importante lembrar que, atualmente, grande parte dos docentes que trabalham com o componente nas escolas públicas do Estado do Maranhão, possuem habilitação em outra área de conhecimento, sendo o Ensino Religioso complementar à sua carga horária.

Desta forma, “é como se houvesse uma marginalização do conhecimento”⁴³, pois se demonstra uma desvalorização do Ensino Religioso enquanto componente curricular, pois não exige um profissional especificamente qualificado. E, assim, há poucos profissionais verdadeiramente dispostos a abraçarem esse campo de conhecimento como área de atuação.

São comuns declarações de docentes afirmando que não se identificam com o componente, que não disponibilizam de material didático suficiente para o enriquecimento das aulas, que não sabem tratar com pluralidade religiosa, etc. Sim, essa é a realidade de muitos docentes que atuam no Ensino Religioso, principalmente nas escolas públicas municipais e estaduais do Maranhão.

No Estado do Maranhão, por exemplo, a Secretaria Estadual de Educação, até então, não tem desenvolvido projeto de formação para docentes voltada para o Ensino Religioso. E até mesmo nos referenciais curriculares da secretaria de

⁴³ BRANDENBURG, 2004, p. 174.

educação, não há uma parte específica ao Ensino Religioso⁴⁴. Os docentes sentem-se, então, despreparados e desconfortáveis no momento de trabalhar o componente curricular.

Isso demonstra falta de percepção e preocupação com o contexto religioso, pois não leva em consideração a forte pluralidade religiosa que existe no Estado.

Por outro lado, muitos docentes não se sentem interessados em investir por conta própria nessa formação. Pois acreditam que no ano seguinte, não trabalharão com o componente curricular, sendo então “desnecessário” esse investimento.

Essas duas visões estão equivocadas. A formação do docente do campo de conhecimento do Ensino Religioso, além de estar embasada em princípios legais⁴⁵, tem como objetivo qualificar o profissional, melhorando assim a oferta de ensino em todos os âmbitos curriculares.

Se por um lado é efetivada a inclusão do Ensino Religioso como componente curricular na formação básica do cidadão, por outro lado se torna imprescindível a formação específica de docentes para atuarem nesse campo de conhecimento. Não se pode simplesmente inserir um componente curricular sem gerir condições para seu desenvolvimento.

É preciso o investimento na implantação e efetivação de licenciatura plena e cursos de extensão relacionados ao Ensino Religioso. Pois a formação de professores, por meio de licenciatura plena ainda é escassa, sendo um desafio constante e permanente na história da Educação Brasileira⁴⁶.

Os conselhos estaduais de educação, as secretarias de educação, precisam desenvolver políticas públicas que possibilitem aos docentes, não apenas do Ensino Religioso, mas aos que atuam com diferentes componentes curriculares, melhores condições em sua prática pedagógica, e isso certamente significa investir na formação continuada do docente. “Assim, o Ensino Religioso, como as demais áreas

⁴⁴ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO. *Referenciais Curriculares*. Disponível em: <<http://www.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=419>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

⁴⁵ OLIVEIRA, Lílian Blanck de; RISKE-KOCH, Simone; WICKERT, Tarcísio Afonso (Orgs). *Formação de docentes e Ensino Religioso no Brasil: tempos, espaços, lugares*. Blumenau: Edifurb, 2008. p. 68.

⁴⁶ OLIVEIRA; RISKE-KOCH; WICKERT, 2008, p. 69.

do conhecimento, requer profissionais capacitados, portadores de saberes que contemplem os objetivos do componente⁴⁷.

A formação de docentes para atuarem no Ensino Religioso é uma ação urgente, sendo também preciso que Escola, docentes e comunidade, conscientes desse fato, reivindiquem por essa implantação. Organizem-se de forma a demonstrar e discutir as contribuições e a importância do Ensino Religioso, a fim de assegurar a permanência desse componente curricular na formação básica do cidadão e uma formação específica de professores.

2.5 O (a) Adolescente e Espiritualidade

É importante entender antes de tudo que religiosidade é diferente de espiritualidade. Enquanto o primeiro está relacionado à prática de rituais de uma religião, a espiritualidade é a busca pessoal por respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade. A religiosidade e espiritualidade podem ser abrangidas como extensões mais amplas e autônomas de denominações institucionalizadas de religião⁴⁸.

Relacionar adolescência e espiritualidade às vezes, para alguns, se torna difícil de entender. Isto pelo fato de não compreenderem a espiritualidade como algo próprio do ser humano e presente em suas fases de desenvolvimento, sendo levado em consideração os aspectos sociais e culturais do adolescente.

Para Leonardo Boff a espiritualidade abrange todo o ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade, integrando interioridade, exterioridade e profundidade, nas relações consigo, com os outros, com a natureza, com o Transcendente e com a

⁴⁷ PORT, Ieda Zimmermann; WACHS, Manfredo Carlos. Sem formação!? Como sou docente de *Ensino Religioso? Primeiras aproximações reflexivas*. In: BRANDENBURG, Laude (Org.). *Fenômeno religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 174.

⁴⁸ CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. Religiosidade e Espiritualidade de Adolescentes e Jovens Adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/11Aurora.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

sociedade. As afinidades são próprias à cultura. Entretanto, a qualidade das relações é que dará definição à vida e à busca da espiritualidade.⁴⁹

Na adolescência, o ser humano por passar por diferentes conflitos relacionados à sua existência, identidade, maneira de ser, as transformações que lhe ocorre, é capaz de desenvolver sua espiritualidade, obviamente influenciadas pelo meio social e cultural em que vive.

A pluralidade cultural, tão presente em nossa sociedade, possibilita ao adolescente aproximar-se de diferentes práticas religiosas e conceitos de fé, como forma de entender a si mesmo, na intenção ou não de encontrar respostas aos seus questionamentos.

Não se pode simplesmente afirmar que o (a) adolescente está alheio à espiritualidade. Na verdade, o que se observa atualmente é uma expressividade comportamental forte de adolescentes e jovens em práticas relacionadas à sua espiritualidade.

Nesse contexto, a escola, espaço onde o adolescente passa boa parte do seu tempo, não pode negar-se a essa realidade. Torna-se importante que a Escola se mostre aberta a essa questão, estruturando seu currículo escolar às expectativas que são trazidas pelos (as) estudantes. Principalmente quanto ao componente curricular de Ensino Religioso, que basicamente oportuniza o debate quanto à espiritualidade.

A Escola deve desenvolver atividades e discussões que estimulem e ajudem o adolescente a compreender sua espiritualidade, como forma de incentivar a sua busca e construção permanente. Isso não significa tornar o espaço escolar em uma instituição religiosa ou algo parecido. Mas como instituição educacional, a escola não pode estar à margem desse processo na vida do adolescente.

É importante perceber que, entre muitas transformações ocorridas no ser humano no decorrer do seu desenvolvimento, sua espiritualidade molda-se a essas transformações, permitindo a construção de novos conceitos e valores próprios às suas experiências acumuladas ao longo de sua existência.

⁴⁹ MAZZAROLLO, Gisele. *A espiritualidade como dimensão da adolescência*. Disponível em: <http://72.29.80.171/~conerpas/documentos/A_espiritualidade_como_dimensao_da_adolescencia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2012.

Atender as necessidades relacionadas à espiritualidade do adolescente, é permitir que este se sinta parte do espaço social e cultural em que vive.

3 METODOLOGIAS DE ENSINO RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL

As metodologias de ensino estão pautadas nas necessidades encontradas no ambiente escolar, relacionadas à aprendizagem dos estudantes. A partir delas, se realizam pesquisas e planejamentos de como se procederá no ensino, objetivando resultados significativos no processo da aprendizagem. Nem sempre se torna uma tarefa fácil, pois não há fórmulas prontas para serem efetivadas. Muitas vezes se torna uma busca e aplicação constante de métodos que respondam aos anseios dos educadores e dos estudantes.

No entanto, é de se reconhecer que muito se tem avançado no processo de ensino e aprendizagem. A construção de uma metodologia fundamentada em diferentes teorias psicossociais contribui de forma significativa para um ensino de qualidade que tem como preocupação a formação de sujeitos íntegros na sociedade em que vivem, capazes de formular soluções aos problemas existentes.

No que se refere ao campo do Ensino Religioso no Ensino Fundamental, há inúmeras questões por parte dos docentes quanto à forma como devem conduzir a discussão do componente curricular no ambiente escolar. Muitos se sentem despreparados para tratar de questões que, segundo eles, não fazem parte de sua formação acadêmica, ou não tem afinidade com esse componente curricular ou até mesmo afirmarem não gostar de discutir religião. Tal discurso se deve à falta de compreensão sobre o que é o componente curricular do Ensino Religioso.

A base inicial para que se apliquem métodos de ensino que contribuam para o desenvolvimento das aulas, se dá em compreender o Ensino Religioso não como ensino de religião, mas como o estudo do fenômeno religioso nas diferentes sociedades humanas em seu espaço e tempo. Em seguida, partir para a pesquisa, investigação, formulação e organização de material que seja significativo para o processo de formação dos estudantes, e articular a forma mais adequada de trabalhar o material que se tem disponível.

Partindo dessa situação, que faz parte da realidade de muitas escolas públicas no Estado do Maranhão, mais especificamente na cidade de Mirinzal, propôs-se então, a realização deste trabalho, na perspectiva de abordar as

Metodologias de Ensino Religioso para adolescentes na escola pública da rede municipal.

A realização desta pesquisa teve como passo inicial a percepção das dificuldades relatadas por professores (as) e estudantes com relação ao Ensino Religioso, enquanto componente curricular nas escolas públicas municipais na cidade de Mirinzal – MA. E como professor, ao ter a oportunidade de trabalhar com este componente curricular, verificou na prática essas questões.

Não se pretende apresentar uma relação de inovações metodológicas para serem trabalhadas no Ensino Religioso com adolescentes. Esta pesquisa se propõe, antes de tudo, a compreender o Ensino Religioso como componente curricular que permite o estudo, a pesquisa do fenômeno religioso nas diferentes sociedades humanas. Também perceber de que forma, adolescentes e professores (as), em nossa atualidade, compreendem o Ensino Religioso como parte da formação do ser humano. A partir dessa situação, propor uma análise em relação às práticas desenvolvidas no espaço escolar, tendo como base de compreensão a fase de desenvolvimento humano em que se encontra o grupo alvo desta pesquisa, a adolescência.

3.1 A pesquisa social

A princípio, a pesquisa pode ser compreendida, entre tantas definições, como um conjunto de atividades que visa à solução de problemas e à aquisição de novos conhecimentos, valendo-se de metodologias científicas. Ela se constitui de alguns elementos:

- uma dúvida, pergunta ou problema, que constitui um ponto de partida;
- o método científico;
- a busca de resposta ou solução, com a utilização de procedimentos científicos;
- a comunicação dos resultados por meio de um relatório de pesquisa.⁵⁰

Para este trabalho, se optou em realizar, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa social. Ela permite a busca de respostas dentro do grupo social que se pretende pesquisar. Para este caso, adolescentes e professores (as) de Ensino

⁵⁰ STREK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia M. (Orgs.). *Manual de Normas para Trabalhos Científicos: baseados nas normas de ABNT*. 2. ed. rev. e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

Religioso no Ensino Fundamental de uma escola pública municipal em Mirinzal – MA.

Por meio da pesquisa social é possível especificar o grupo que se almeja investigar, definir os dados dos quais se pretende obter respostas, além de permitir a interação entre pesquisador e investigados. Da mesma forma, possibilita a relação entre o que se teve de hipótese e o que se constatou na realidade.

Esta pesquisa social se baseia em aspectos quantitativos e qualitativos. Quantitativos por utilizar-se dos dados numéricos obtidos com relação à aquisição das respostas apresentadas pelos pesquisados, estruturados em gráficos. Qualitativos na perspectiva de valer-se da análise dos dados para interpretar⁵¹ a questão do Ensino Religioso entre adolescentes e docentes.

3.1.1 Objeto da pesquisa social

A pesquisa foi realizada com 36 (trinta e seis) adolescentes do sexo masculino e feminino, com faixa etária entre 13 e 16 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental e 04 (quatro) professores (as) do componente de Ensino Religioso, por meio da aplicação de questionário para coleta de informações, em uma Escola Pública Municipal localizada no centro urbano da cidade de Mirinzal – MA no mês de abril de 2011, previstos no projeto de pesquisa.

O questionário para os (as) adolescentes está organizado em 10(dez) perguntas. Foi aplicado em sala de aula, no turno vespertino, em um dos horários de aula autorizado pela direção da Escola para verificar a forma como o componente é desenvolvida, o interesse dos (as) alunos (as), e o significado do Ensino Religioso para sua formação.

O questionário para os docentes contém 10 (dez) perguntas, sendo aplicado na Escola onde a pesquisa foi autorizada a ser realizada, no turno vespertino, em horário que estes não estivessem em sala de aula, mas na sala dos professores, para coletar informações referentes ao objetivo da pesquisa.

⁵¹ RODRIGUES, William Costa. *Metodologia Científica*. Paracambi: FAETEC/IST, 2007. p. 09. Disponível em <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 23 de fev. 2012.

Além da aplicação dos questionários, foi possível a realização de observações dos estudantes que participaram da pesquisa, no momento de aula com o (a) professor(a) de Ensino Religioso, como meio de verificar a forma que ambos, estudantes e docentes, na prática, se dinamizam com o Ensino Religioso, assim adquirindo mais informações.

Por meio das perguntas aos (as) adolescentes, a intenção era verificar o interesse no componente de Ensino Religioso, as possíveis relações dos conteúdos trabalhados no componente com o cotidiano do (a) aluno (a), sua forma de expressar a fé, a avaliação do trabalho do professor (a) pelo (a) adolescente, o olhar do (a) adolescente sobre seus (as) colegas em relação ao componente, a importância do componente trabalhado na Escola não apenas no âmbito religioso, mas também social.

Da mesma forma, diagnosticar entre os (as) docentes as dificuldades em desenvolver o componente de Ensino Religioso entre os (as) adolescentes; a importância do componente no currículo escolar; a liberdade dada aos (as) adolescentes para expressar sua fé no ambiente escolar; as diferentes formas em que o componente é abordado; e a avaliação do (a) docente em relação à sua prática.

Durante a realização da pesquisa verificou-se ainda que a escola possui um Projeto Político Pedagógico inacabado, e que este não contemplava, até então, o Ensino Religioso como componente curricular de importância igual aos demais componentes da matriz curricular.

Da mesma forma, na Secretaria Municipal de Educação, não foi encontrado uma legislação municipal que tratasse do papel do Ensino Religioso na formação dos indivíduos atendidos pelas escolas da rede.

3.1.2 O espaço da realização da pesquisa

A Escola onde a pesquisa foi realizada está localizada na zona urbana da cidade de Mirinzal – MA. Estando no centro da cidade, sua clientela é formada em sua maior parte por alunos (as) da periferia e da zona rural, de baixa renda, que chegam por meio do ônibus escolar.

A estrutura física da escola é formada por 08 (oito) salas de aula, 01(uma) cantina, 01 (uma) secretaria, 02 (dois) banheiros para os (as) estudantes, masculino e feminino, 02(dois) depósitos para armazenar livros e materiais didáticos, 01(um) laboratório de informática, 01(um) pátio e 01(um) banheiro para professores.

Funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno, a Escola conta com aproximadamente 540 alunos (as), atendendo do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Seu quadro soma um total de aproximadamente 30 (trinta) professores, sendo todos com formação superior, em diferentes áreas do conhecimento.

3.2 A pesquisa social em uma escola pública municipal em Mirinzal – MA com adolescentes

A pesquisa social com os (as) adolescentes estabeleceu-se de forma qualitativa e quantitativa. Consistiu inicialmente da autorização da direção da escola, para qual foram apresentados todas as questões e os procedimentos que se pretendia realizar com os (as) estudantes. Além da permissão da direção, se tornou fundamental a dos pais e responsáveis pelos adolescentes, pois sendo menores de 18 anos, não podem responder de forma legal pelos seus atos.

O primeiro contato com os adolescentes se deu com a apresentação do pesquisador e da pesquisa, sendo expostos a eles todos os procedimentos necessários para sua participação, e da mesma forma, esclarecendo todas as questões referidas à pesquisa e seu objetivo. Em seguida, foi entregue a eles o Termo de Consentimento⁵² de autorização para participar da pesquisa que deveria ser assinado pelos pais e responsáveis.

A reação por grande parte dos estudantes foi positiva, manifestando entusiasmo e interesse. Já por parte de outros, se percebeu um distanciamento, uma rejeição por não sentirem-se confiáveis em expor suas informações ou por não compreender muito bem do que se tratava. No dia da aplicação do questionário, mais uma vez os estudantes foram instruídos sobre a forma de respondê-lo.

⁵² ANEXO C.

É importante informar que, as perguntas elaboradas para o questionário, foram previamente enviadas e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Teologia – EST.

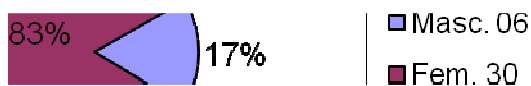
3.2.1 Dados relativos ao questionário – alunos

A estrutura das questões estava condicionada a adquirir informações fundamentais para a discussão do Ensino Religioso e sua relação com o(a) adolescente. Mesmo sendo perguntas com respostas optativas, alguns adolescentes fizeram questão de acrescentar algumas anotações com informações complementares no questionário, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa.

Os dados foram tabulados em forma de gráfico como forma de permitir uma análise mais precisa dos resultados, e a partir deles discutir as questões pertinentes aos adolescentes e o Ensino Religioso.

A primeira pergunta do questionário se referia à identificação dos (as) adolescentes e apresentou os seguintes dados: 83% são do sexo feminino e 17% são do masculino. Todos (as) estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 13 e 16 anos de idade, do turno vespertino, representando um total de 36 adolescentes participantes da pesquisa. Estes dados podem ser visualizados a seguir:

Gráfico 1 – Quantidade de Adolescentes



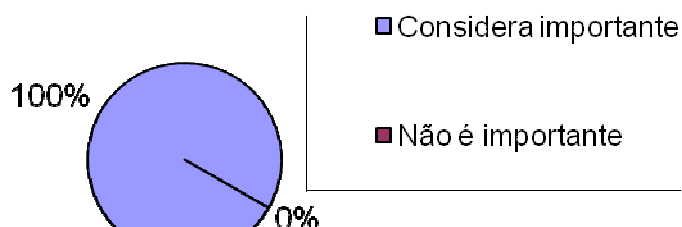
A segunda pergunta referia-se a frequência dos (as) adolescentes a uma Igreja. Como resposta teve-se a seguinte: 84% afirmam frequentar alguma Igreja e 16% responderam não frequentar igreja alguma.

Gráfico 2 – Frequência a uma Igreja



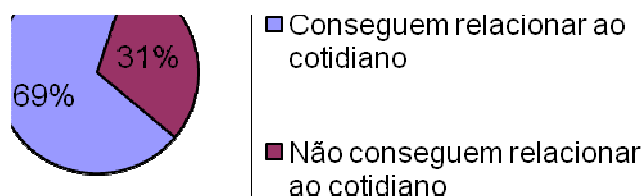
Em seguida, a terceira pergunta voltava-se ao questionamento da importância dos conteúdos de Ensino Religioso, trabalhados na escola, para a formação escolar e social do adolescente. Como resposta teve-se a seguinte: 100% dos adolescentes consideram os conteúdos de Ensino Religioso como importantes para sua formação.

Gráfico 3 – Sobre a importância dos conteúdos do Ensino Religioso para sua formação



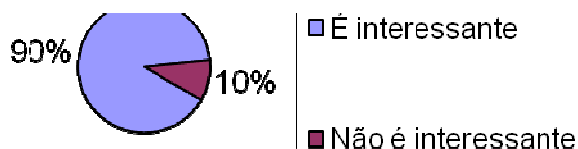
A quarta questão indagava a possibilidade do (a) adolescente relacionar as aulas de Ensino Religioso ao seu cotidiano, isto é, verificar se há uma aproximação entre a teoria, os conhecimentos apresentados nas aulas de Ensino Religioso e a prática de vida do adolescente. A resposta foi: 69% dos adolescentes conseguem relacionar os conteúdos de Ensino Religioso ao seu cotidiano e 31% informaram não conseguir relacionar o Ensino Religioso ao cotidiano. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Relacionar as aulas de ensino religioso ao seu cotidiano



Na quinta questão, examinados quanto à forma que o (a) professor (a) desenvolve as aulas de Ensino Religioso, os adolescentes responderam: 90% afirmaram ser interessante, e 10% considerou não ser interessante.

Gráfico 5 – Quanto à forma que o professor desenvolve o componente em sala de aula



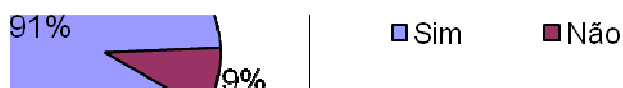
Seguindo a mesma abordagem em relação às aulas do (a) professor (a), a sexta questão interrogava quanto à segurança do docente com o conteúdo, ao ministrar as aulas de Ensino Religioso. Como resultado das respostas obteve-se: 90% consideraram que o professor desenvolve as aulas de Ensino Religioso de forma segura, demonstrando conhecimento sobre o conteúdo, e 10% consideraram que o (a) docente apresenta-se de forma insegura.

Gráfico 6 – Sobre a segurança do professor quanto ao conteúdo que está apresentando na sala de aula.



A sétima questão permitia que o adolescente opinasse quanto à mudança dos métodos de ensino utilizados pelo (a) docente de Ensino Religioso, como forma de perceber a satisfação ou não dos estudantes e verificar se a metodologia é ou não uma das questões que compromete o interesse dos adolescentes pelo Ensino Religioso. O resultado colhido foi o seguinte: 90% dos adolescentes consideram ser necessária, mudanças nas metodologias utilizadas pelo (a) docente de Ensino Religioso, e 9% consideraram não ser necessária mudança nas metodologias utilizadas.

Gráfico 7 – Os professores deveriam mudar os métodos de ensino nas aulas de ensino religioso?



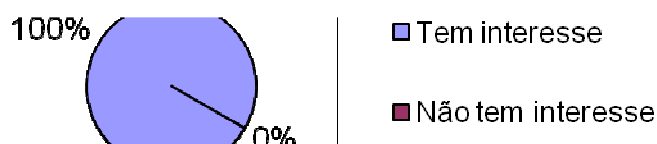
Em seguida, como forma de verificar o olhar do adolescente em relação aos colegas, no que se refere ao interesse pelas aulas de Ensino Religioso, a oitava questão interrogava se o (a) adolescente percebia, por parte de seus colegas, algum interesse pelo Ensino Religioso. A resposta foi à seguinte: 100% dos (as) adolescentes afirmaram não perceber interesse algum por parte de seus colegas, nas aulas de Ensino Religioso, como demonstra o gráfico.

Gráfico 8 – Os (as) seus (as) colegas demonstram interesse pelas aulas de Ensino Religioso?



Já a questão seguinte, interrogava sobre o interesse próprio do (a) adolescente em conhecer mais sobre o Ensino Religioso. O resultado apresentado foi bastante interessante, pois, 100% dos (as) adolescentes afirmaram ter interesse em conhecer mais o Ensino Religioso.

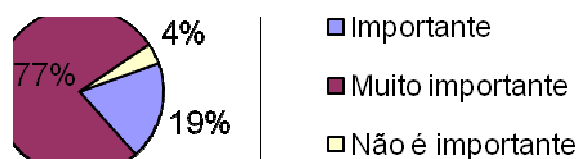
Gráfico 9 – Quanto ao interesse em conhecer mais sobre o Ensino Religioso



Na décima questão, o (a) adolescente foi interrogado (a) quanto o nível de importância do Ensino Religioso na Escola, no processo de sua formação para a vida. Os resultados apresentados foram: 77% consideram muito importante, 19%

consideram apenas importante, e 4% responderam não ser importante. Veja o gráfico abaixo.

Gráfico 10 - Nível de importância das aulas de ensino religioso na escola para a vida



3.2.2 Dados relativos à observação - alunos

Além da aplicação do questionário, foi realizada a observação dos adolescentes em sala de aula, no momento das aulas de Ensino Religioso, como antes já informado. A observação foi realizada em uma única sala, em 3 (três) aulas, sendo que, segundo a organização curricular da escola, assim como em todas as escolas públicas municipais e estaduais na cidade de Mirinzal - MA, há aula de Ensino Religioso uma vez por semana em cada série. Sendo assim, a observação foi realizada em três dias.

No primeiro dia de observação, inicialmente os adolescentes foram informados pela professora de Ensino Religioso sobre minha presença e finalidade no momento da aula. Durante a aula a professora trouxe um texto informativo sobre a criação do universo. A partir da leitura os estudantes foram estimulados a opinar sobre o texto expondo seu ponto de vista sobre a criação do universo e do homem. Poucos (as) adolescentes opinaram; apenas um número mínimo dinamizou com a professora.

Os adolescentes compartilharam a ideia da criação do universo personificado na ação de Deus como criador. Sendo que outras teorias, como a da

evolução no conceito de Darwin⁵³ foram expostas, mas não discutidas de forma profunda e aceitável, como a afirmada pela fé cristã. Em seguida foi solicitado que os adolescentes projetassem em forma de paisagem seguida de produção textual seu conceito de criação do universo e do ser humano.

Verificou-se que, na execução da atividade solicitada pela docente, somente os adolescentes que se demonstraram participativos na aula entregaram prontamente a atividade, os demais, informaram à professora que entregariam na próxima aula, na semana seguinte.

Na segunda aula observada, a professora iniciou solicitando a entrega da atividade da aula anterior. Nesse momento um número significativo de adolescentes entregou a atividade.

Ao observar as atividades dos adolescentes, verificou-se na parte do desenho, uma unanimidade na produção das paisagens: árvores, animais, plantas, nuvens, sol, o homem e a mulher, figurando o Jardim do Édem, como registrado na Bíblia Sagrada⁵⁴.

Nos textos, aos quais foi possível ter acesso com a permissão da professora, o mais comum eram afirmações como: “Deus criou o homem e a mulher”; “a natureza e tudo que há foi criado por Deus”; “não acredito na teoria da evolução”; “Deus, a razão de nossa vida”; e tantas outras que demonstravam a forte defesa, por parte dos adolescentes, no conceito criacionista relacionado ao apresentado na Bíblia cristã. Nessa amostra foi possível perceber que a maioria dos (as) adolescentes, ou se não todos (as), tem a fé cristã como base.

Em seguida, a docente iniciou um questionamento sobre o que é fé. As respostas apresentadas pelos adolescentes eram as seguintes: “é acreditar em Deus”; “confiar em Jesus”; “obedecer a Deus”. E mais uma vez, a participação se limitou a poucos. Em uma sala de aproximadamente 36 estudantes, apenas 10 expressava de forma dinâmica sua opinião, mas é de se registrar que mesmo em silêncio, outros mais se demonstravam curiosos no assunto.

⁵³ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Colégio Dom Aguirre. Disponível em: <http://www.domaguirre.com.br/em_textos/origem_das_especies_de_charles_darwin.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2012.

⁵⁴ *BÍBLIA de Estudo Aplicação Pessoal*. Versão Almeida. ed. rev. e cor. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. p. 5-8.

Após ouvir os estudantes, a docente apresentou algumas definições sobre fé. Sendo que o comentário ficou restrito apenas ao contexto cristão. Não se percebeu uma preocupação em abordar a fé em outros contextos religiosos e culturais. Em seguida foi solicitado que os estudantes elaborassem um texto dissertativo no qual registrassem sua ideia de fé, sugerido a ser entregue na aula seguinte.

Na última aula observada, o momento foi reservado para serem lidos os textos sobre fé, produzidos pelos (as) adolescentes. Durante a exposição oral dos textos, algo interessante que pode ser destacado, é que, ao falar sobre fé, os (as) adolescentes de formação religiosa evangélica trataram com mais profundidade sobre o assunto, os demais adolescentes, mesmo sendo frequentadores de outras Igrejas cristãs, como a Igreja Católica, falaram de forma básica e simples.

Entre as leituras realizadas se percebeu, mesmo que de forma ingênua, um entendimento comum de fé compartilhado entre os adolescentes e na comunidade onde vivem: acreditar em Deus, confiar em Jesus, ter Deus no coração, etc. São formas básicas de expressarem seu entendimento sobre fé.

Pode-se destacar ainda que, durante a observação, o material disponível para discussão das aulas de Ensino Religioso era de pouca profundidade de informação, percebendo falta de recursos que contribuiria ainda mais para enriquecimento da aula. Alguns adolescentes ficam dispersos da discussão, tornando-se restrito a apenas alguns. Não que a docente definisse essa conduta dos estudantes, ao contrário, diversas vezes foram chamados à atenção para participação.

Questionada de forma informal sobre como definia os conteúdos de Ensino Religioso, a docente informou que não há um currículo de conteúdos disponibilizado pela Escola ou pela Secretaria Municipal de Educação, mas que os conteúdos estão associados às datas comemorativas, algumas literaturas de Igrejas cristãs, revista periódicas como a Mundo Jovem, e sempre que possível busca ajuda na internet.

3.3 A pesquisa social em uma escola pública municipal em Mirinzal – MA com docentes

A pesquisa social com os (as) docentes constituiu-se da aplicação de um questionário. Para tanto, da mesma forma como procedido com os (as) adolescentes, foi necessário solicitar autorização da direção da escola e ao mesmo tempo apresentar as questões que seriam aplicadas. Sendo autorizado pela direção, o passo seguinte foi identificar os professores (as) de Ensino Religioso. Sendo identificados (as), foi apresentado a eles (as) a proposta da pesquisa e os documentos necessários permitindo por parte deles sua participação⁵⁵.

A pesquisa foi recebida com grande entusiasmo, pois concordaram que há uma necessidade urgente em realizar um trabalho como esse na área do Ensino Religioso, permitindo que se obtenha de forma mais concreta um diagnóstico desse componente curricular tão importante, assim como os demais, na formação do cidadão.

Da mesma forma como os adolescentes que participaram da pesquisa, os docentes participantes inseriram no questionário outras informações interessantes sobre a forma que é trabalhado o Ensino Religioso com os adolescentes naquela escola, além de em uma conversa informal, exporem algumas dificuldades.

A aplicação do questionário foi realizada no turno vespertino, em horário no qual os (as) professores estavam fora da sala de aula, para não prejudicar as aulas.

Colhidas as informações do questionário, o passo seguinte consistiu em organizá-las em forma de gráfico. Essas informações se tornam importantes para a análise que se pretende realizar ao propor a discussão do Ensino Religioso com os adolescentes. Não se pretende apresentar apenas o olhar do adolescente quanto ao Ensino Religioso, mas mostrar também o olhar do docente e da escola, seu compromisso, suas dificuldades, permitindo que todos os sujeitos do ambiente escolar façam uma reflexão sobre a atual proposta que se vivencia o Ensino Religioso na escola pública, necessariamente na cidade de Mirinzal – MA. Seguem-se então os resultados apresentados em gráficos.

O primeiro gráfico se refere à quantidade de docentes que participaram da aplicação do questionário. Sendo ainda necessário informar que os docentes eram

⁵⁵ ANEXO D.

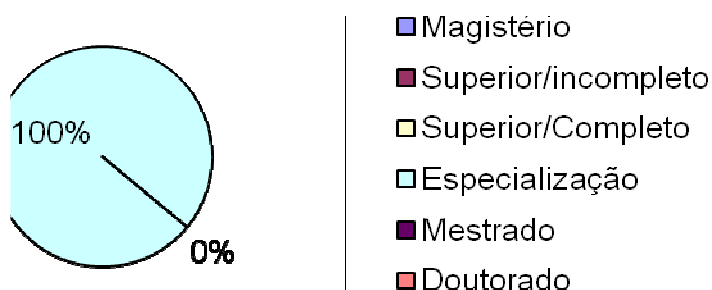
do gênero feminino. Não que tenha sido uma preferência por este público, mas no momento, apenas mulheres trabalhavam com o componente de Ensino Religioso.

Gráfico A – Quantidade de Docentes



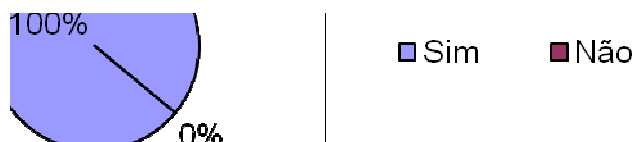
O gráfico seguinte demonstra o nível de formação acadêmica das docentes participantes da pesquisa. Como se percebe, 100% das delas possuem especialização, sendo nenhuma na área de Ensino Religioso.

Gráfico B – Formação dos Docentes



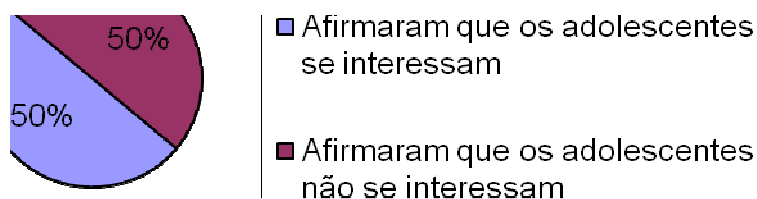
Questionadas sobre a importância do Ensino Religioso na formação social dos (as) adolescentes, 100% consideraram importante como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico C – Docentes que consideram o Ensino Religioso importante para formação social do (a) adolescente



Em seguida, as docentes foram interrogadas quanto sua percepção em relação ao interesse dos Adolescentes pelas aulas de Ensino Religioso. O resultado obtido nos dados apresenta o seguinte: 50% percebem interesse dos adolescentes pelas aulas de Ensino Religioso, e 50% afirmaram não perceber interesse dos adolescentes. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico D – Quanto ao interesse dos adolescentes pelas aulas de ensino religioso:



Outro questionamento abordado às docentes se referia à existência, no momento do planejamento, de uma preocupação em relação ao Ensino Religioso e seus desdobramentos na escola, por parte do corpo docente junto à direção da escola. Como resposta teve-se a seguinte: 100% das docentes responderam não haver momento algum de discussão em relação ao Ensino Religioso. Ainda em depoimento por meio de diálogo, uma das docentes informou que o Ensino Religioso é um componente curricular considerado apenas como uma complementação na

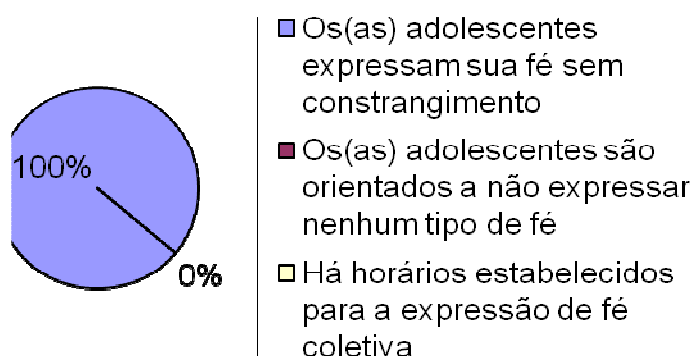
carga horária do docente, e que seria interessante uma mudança na forma de percebê-lo. Isto é, deve-se considerar o Ensino Religioso tão importante quanto os demais componentes curriculares e trazê-lo para as discussões da escola. Veja o gráfico a seguir:

Gráfico E – Sobre a discussão da importância do Ensino Religioso no currículo escolar no momento do planejamento.



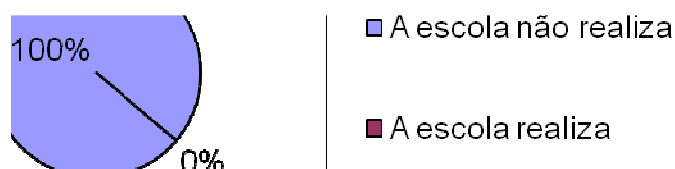
A questão seguinte apresentada no questionário às docentes de Ensino Religioso interrogava quanto à liberdade dos (as) adolescentes expressarem sua fé no ambiente escolar. Como resposta 100% afirmou que os adolescentes expressam sua fé sem constrangimento algum, não havendo nenhum horário estabelecido para tal prática ou até mesmo alguma atitude de repúdio por parte dos (as) docentes ou pela gestão da escola, como é demonstrado no gráfico abaixo:

Gráfico F– Sobre a liberdade dos adolescentes expressarem sua fé



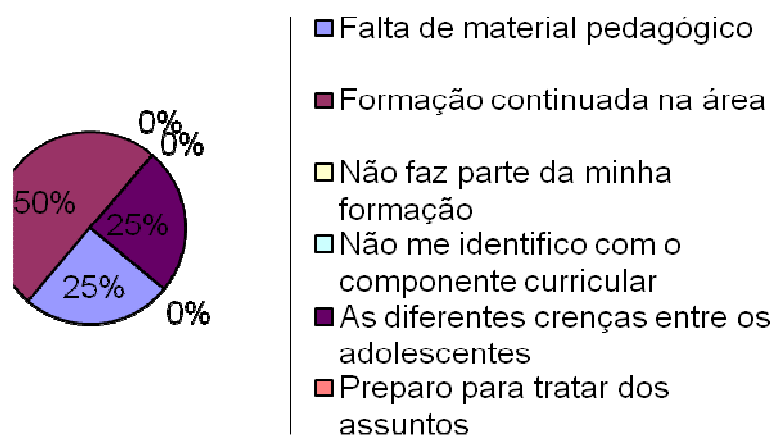
Outra questão apresentada às docentes, procurava verificar a prática ou a realização de seminários, palestras, fóruns ou outras atividades educativas relacionadas à temática do Ensino Religioso desenvolvidas pela escola. A resposta foi a seguinte: 100% informou que a escola não realiza nenhuma prática ou atividade educativa, como as citadas. O Ensino Religioso fica restrito apenas às aulas em sala. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico G – Quanto à realização periódica de seminários, palestras, fóruns, outros, no contexto do Ensino Religioso:



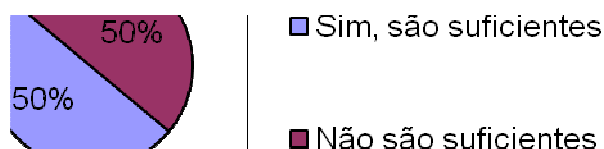
Em seguida as docentes foram questionadas sobre as dificuldades por elas enfrentadas no desenvolvimento das aulas de Ensino Religioso. Os dados coletados demonstraram o seguinte: 25% informaram ser a falta de material pedagógico; 50% a falta de formação continuada na área do Ensino Religioso e 25% informaram serem as diferentes crenças entre os adolescentes, como pode ser verificado no gráfico a seguir:

Gráfico H– Sobre as dificuldades enfrentadas pelo docente para o desenvolvimento das aulas de Ensino Religioso:



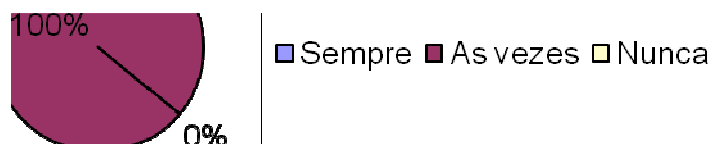
Referindo-se às metodologias que as docentes utilizam nas aulas de Ensino Religioso, foram interrogadas quanto à suficiência dessas metodologias. Como resposta, 50% informou serem suficientes os métodos por elas desenvolvidos nas aulas de Ensino Religioso, e 50% informou não considerarem suficientes as metodologias.

Gráfico I – Sobre a suficiência das metodologias desenvolvidas nas aulas de ensino religioso para aprendizagem do (a) adolescente



Como última questão, as docentes foram interrogadas se conseguiam atingir seus objetivos de ensino e aprendizagem após as aulas de Ensino Religioso com os(as) adolescentes. Como resposta se obteve o seguinte: 100% informaram às vezes conseguir atingir seus objetivos. Verifique o gráfico a seguir:

Gráfico J – Consegue atingir seus objetivos nas aulas de Ensino Religioso



3.4 Considerações sobre os dados da pesquisa com os adolescentes

Com base nos dados levantados, se tornam necessário algumas considerações que consolidam esta pesquisa. A princípio serão analisados os dados referentes ao questionário dos adolescentes, sendo avaliadas apenas algumas questões.

O questionário direcionado aos adolescentes, assim como aos docentes, fundamentava-se em instigar a questão das metodologias de Ensino Religioso. Entre os dados iniciais que podem ser considerados, está o **gráfico 3**⁵⁶ referente aos adolescentes, que apresenta uma amostra sobre a importância dos conteúdos de Ensino Religioso para a sua formação escolar.

O resultado demonstrou que 100% dos adolescentes consideram o Ensino Religioso como componente curricular importante no processo de sua formação. Por meio dessa amostra se pode concluir que, mesmo sendo um componente optativo, o Ensino Religioso para o adolescente é tão importante quanto os outros componentes da matriz curricular, e de alguma forma os conteúdos trabalhados despertam seu interesse. Esse ponto de vista estabelecido pelo adolescente se dá pela forma em que o Ensino Religioso tem-se apresentado no espaço escolar. Atualmente os docentes têm demonstrado uma consciência no que se refere à pluralidade cultural e de confissão de fé presentes na escola, percebendo, então, que o Ensino Religioso não é um componente curricular que ensina ou impõe uma determinada Religião,

⁵⁶ ANEXO E.

mas um componente voltado a discutir, estudar, investigar as diferentes manifestações de religiosidade nas sociedades humanas.

Sendo assim, o (a) adolescente, que convive em um mundo atual e dinâmico com diferentes ferramentas de comunicação e informação, se vê atraído em conhecer ao outro. Além disso, os valores morais e sociais estimulados pelas instituições sociais de nossa época, em sua maioria, compartilham a ideia da liberdade de expressão, de pensamento, de fé, do respeito ao outro, de solidariedade, influenciando de forma direta ou indireta na formação dos adolescentes. Nessa perspectiva, o componente curricular Ensino Religioso, entre outros objetivos, deverá estar direcionado ao desenvolvimento de valores fundamentais para a convivência no meio social.

Dessa forma, ao selecionar os conteúdos a serem trabalhados no Ensino Religioso, deve-se ter em consideração as indagações, os questionamentos, as vivências dos adolescentes. Certamente esse critério orientará de forma positiva na seleção dos conteúdos, promovendo uma aula interessante e significativa para os adolescentes. Pois conteúdo não pode estar distanciado da realidade na qual o discente vive, pois poderá comprometer a praticidade do conhecimento.

Ainda se verificou por meio do questionário, que o adolescente considera o Ensino Religioso não apenas importante na sua formação escolar, mas também importante para sua vida⁵⁷. Neste sentido, se permite colocar o componente não apenas como campo do saber religioso, mas como campo de espiritualidade.

Em nosso país, temos um histórico cultural de experiências religiosas, tipicamente cristãs, que ainda exercem forte influência no ambiente social, sendo muitas vezes associada vida religiosa com vida social.

O que quero demonstrar é que, desde a infância, devido à nossa cultura, o ser humano passa a ter uma imagem de Deus. E essa imagem se desenvolve a partir das experiências religiosas e sociais que vai tendo ao longo de seu crescimento. E por vezes, essa imagem é influenciada não apenas pela família ou pelo grupo religioso ao qual o sujeito esteja a frequentar, mas pela escola, que em sua prática educacional, compartilha de vários elementos culturais da comunidade na qual está inserida.

⁵⁷ ANEXO E.

Nessa perspectiva, o adolescente percebe o Ensino Religioso como uma oportunidade de conhecer mais sobre o transcendente. Seja em uma perspectiva comum à sua fé, ou diferente da sua. Ou para aqueles que não estão envolvidos num grupo religioso, uma forma de conhecer as diferentes concepções de fé, e o interesse em desenvolver uma prática relacionada à espiritualidade.

Para o adolescente, o Ensino Religioso deve ser uma porta de conhecimento e encontro entre ele e o mundo. Pois conhecendo o dinamismo em que as práticas religiosas se desenvolvem em cada cultura ou grupo religioso, o adolescente terá condições morais, culturais e sociais de se reconhecer no outro como sujeito de direitos iguais.

Outro dado importante a ser considerado, refere-se ao indicado no **gráfico 4**⁵⁸ que demonstra a questão dos adolescentes relacionarem as aulas de Ensino Religioso ao seu cotidiano. Na informação dada, a maior parte dos participantes afirmou conseguir fazer esse relacionamento, no entanto, o número dos que não conseguem fazer esta associação, teoria e realidade, chama a atenção. Dos adolescentes participantes, 31% afirmaram não relacionar os conteúdos de Ensino Religioso ao cotidiano.

No processo de ensino e aprendizagem, é de fundamental importância que o estudante estabeleça uma ponte entre o conhecimento apresentado no ambiente escolar e o conhecimento de mundo que ele já traz de sua realidade social. Partindo desse princípio, é possível definir o que se considera como aprendizagem significativa, pois foi possível para o estudante, perceber que, aquilo que se aprende na escola é vivenciado no seu dia a dia. E isso desperta interesse, e possibilita a construção de um conhecimento dinâmico e real.

No que se refere à esfera do componente curricular Ensino Religioso, para se alcançar essa meta, é preciso que o docente como mediador da aprendizagem na sala de aula, leve em consideração os aspectos culturais e as vivências dos adolescentes, e permitir que sejam ouvidos. A atenção e a percepção do docente é fundamental para se verificar a forma como os adolescentes estão correspondendo à proposta de ensino apresentada. Pois será a medida da organização de seu programa de ensino.

⁵⁸ ANEXO E.

Neste sentido, a escola pública deve ter uma preocupação na formação de seu currículo: a oferta de ensino aos diferentes sujeitos da sociedade. Pois como instituição pública e política⁵⁹, é um espaço de diversidade social que deve estar preparado para atender aos diferentes interesses, consolidando a construção da cidadania e uma sociedade potencializada.

Outro dado interessante se refere ao **gráfico 7**⁶⁰, no qual os adolescentes informaram sobre as metodologias de ensino dos docentes. Segundo o resultado, 91% dos adolescentes participantes da pesquisa, consideram necessária a mudança nos procedimentos metodológicos.

É de se considerar que, por mais que um conteúdo seja necessário ou interessante a ser desenvolvido na sala de aula, é fundamental se pensar em como esse conteúdo será apresentado aos adolescentes e como ele será conduzido.

Antes de tudo, o docente tem que motivar o estudante a se envolver na aula, despertar sua curiosidade. E isso não significa bombardear o estudante de inúmeras informações ou indagações. Deve-se pensar em algo estratégico, algo que o envolva e o faça sentir-se envolvido na aula. O adolescente tem que se sentir parte da aprendizagem e responsável por ela, como o sujeito que pode interferir de forma dinâmica no momento da aula.

Uma proposta, entre tantas outras, seria a construção de um planejamento com os adolescentes, onde eles poderiam sugerir as atividades, os recursos, as tarefas, a organização de eventos, a avaliação, etc. Sendo importante que, o docente possa mediar de forma coerente todo o procedimento, para que não resulte em uma desorganização.

Nesse sentido, não ficam centralizadas as decisões ou imposições na figura do docente, mas permite que o adolescente sinta-se também importante e responsável no processo de ensino e aprendizagem.

Uma boa aula, entre outras coisas, é resultado da metodologia utilizada. Para isso, se faz necessário a realização de pesquisas e leituras. Permitindo-se sair da zona de conforto e encarar novos desafios como educador (a).

⁵⁹ FUCHS, Henri Luiz. O Fenômeno Religioso no Ensino Religioso e no Currículo Escolar. In: BRANDENBURG, Laude Erandi (Org.). *Fenômeno Religioso e Metodologias*: VI Simpósio de Ensino Religioso. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 51.

⁶⁰ ANEXO E.

3.5 Considerações sobre os dados da pesquisa com os docentes

Os dados relacionados ao questionário com os docentes apresentaram algumas informações interessantes que devem ser levadas em consideração. Importante lembrar que, as docentes participantes da pesquisa possuem nível de formação em especialização, sendo que nenhum na área do Ensino Religioso, isso devido a falta de interesse ou indisponibilidade de cursos em nível de graduação ou especialização na cidade de Mirinzal – MA, que possam atender a área de conhecimento ou campo de investigação do Ensino Religioso.

A princípio pode ser comentado o **gráfico E**⁶¹ que apresenta uma amostra referente à realização de discussões no que se refere ao Ensino Religioso no Currículo escolar durante a realização do planejamento, assim como os demais componentes curriculares. Como informado, tal discussão não é realizada, ou seja, não se debate as questões relacionadas ao Ensino Religioso no processo de formação dos (as) adolescentes na escola. No entanto, quando questionados sobre a importância do Ensino Religioso para a formação social dos adolescentes, como demonstrado no **gráfico C**⁶², 100% dos docentes afirmaram ser importante. Essa amostra evidencia que há na escola, um distanciamento entre discurso e prática.

Se o Ensino Religioso, assim como os demais componentes partes do currículo escolar, é considerado importante no processo de ensino e aprendizagem, da mesma forma, deve-se no planejamento, nas reuniões, na proposta curricular, discutir sobre sua desenvoltura, seu impacto e seu perfil de atuação na instituição escolar. Não quero aqui priorizar o Ensino Religioso como componente curricular acima dos demais componentes, mas no que se refere às informações dadas no questionário, para que haja uma eficiência ou até mesmo a efetivação do Ensino Religioso mais definido e melhor estruturado, se torna necessário inserir no Projeto Político Pedagógico, seus conceitos, ideias e intenções com relação à formação dos discentes. E a partir daí realizar periodicamente discussões e avaliações sobre o papel que tem o Ensino Religioso desenvolvido no processo educativo. Assim, melhorando gradativamente a forma como o componente curricular é aplicado na sala de aula.

⁶¹ ANEXO F.

⁶² ANEXO F.

Outro dado importante a ser considerado, se encontra no **gráfico G⁶³**, que nos traz informações quanto à realização periódica de seminários, palestras, fóruns ou outros eventos relacionados à temática do Ensino Religioso. O resultado apresentado demonstrou que a escola não realiza tais atividades.

Ora, o Ensino Religioso é um campo de conhecimento intensamente rico a ser investigado. A promoção de debates com todo o corpo discente da escola e com outros sujeitos e grupos da comunidade na qual a escola está inserida, se torna uma oportunidade de levar as ideias, as informações, os conceitos sobre o Ensino Religioso e de como a religiosidade é vivenciada pelos diferentes grupos sociais humanos, ao conhecimento da sociedade que precisa conhecer e compreender melhor sobre questões relacionadas ao fenômeno religioso em sua realidade e em outras localidades.

Dessa forma, a escola contribui para que os diferentes ideais de fé presentes em nossa comunidade, convivam de forma a respeitar o conceito de cada grupo. No entanto, mais do que isso, a escola cumpre seu papel de formar cidadãos conscientes, íntegros, tolerantes, capazes de lutar pela construção de uma sociedade mais igualitária, justa e solidária.

É necessário que a escola em que a pesquisa foi realizada, assim como outras que apresentam essa situação demonstrada no gráfico, desperte para essa questão. Abrindo-se mais para os desafios inovadores que melhorem o atendimento e a qualidade de ensino ofertado aos discentes e, por que não dizer, à comunidade como um todo.

E para que atividades como essas sejam desenvolvidas, é necessário inicialmente que a Escola tenha consciência do papel do Ensino Religioso no processo de formação do sujeito. Realizando discussões com o corpo docente sobre as temáticas relacionadas ao componente curricular, definindo as metas e os objetivos a serem alcançados. E claro, despertar a atenção, o interesse dos adolescentes em relação ao campo de conhecimento que se refere ao fenômeno do Ensino Religioso.

⁶³ ANEXO F.

Outro dado informado no questionário, que é importante considerar, se refere às dificuldades enfrentadas pelos docentes para o desenvolvimento das aulas de Ensino Religioso, apresentado no **gráfico H**⁶⁴.

Entre as dificuldades apresentadas está a falta de material pedagógico, pois não são fornecidos pela escola e nem mesmo pela Secretaria Municipal de Educação livros específicos, periódicos ou materiais complementares ao componente curricular de Ensino Religioso aos estudantes e nem mesmo para o professor. Fica por conta do docente a responsabilidade de conseguir o livro e os demais materiais a serem utilizados durante o ano letivo.

Por vezes, o material bibliográfico utilizado pelo docente nas aulas de Ensino Religioso, são literaturas relacionadas ao grupo religioso ao qual ele faz parte, como revistas para Escola Bíblica Dominical, de Igrejas evangélicas ou periódicos como Jornal Mundo Jovem, onde a temática aborde questões relacionadas à moral, mas dificilmente sobre o fenômeno religioso.

Algo a ser percebido foi que, por conta da falta de uma Proposta Curricular Pedagógica, os docentes não têm um planejamento curricular anual já definido. Os conteúdos por vezes são associados às datas comemorativas do calendário cristão católico, e isso de certa forma, privilegia uma determinada prática religiosa e anula outras. Sendo assim, é de se considerar que não há um Ensino Religioso democrático, isto é, um ensino que permita que diferentes práticas religiosas sejam vistas, ouvidas e compreendidas.

Essa problemática relacionada à carência de material pedagógico para o Ensino Religioso faz parte não somente da escola em que a pesquisa foi realizada, mas em grande parte das escolas públicas estaduais e municipais de Ensino Fundamental no Estado do Maranhão, que precisa ser melhor discutida pelos conselhos de educação municipal e estadual.

Além da falta de material pedagógico, outra dificuldade apresentada pelos docentes foi a presença das diferentes crenças entre os adolescentes. Atualmente não há na sala de aula, e até mesmo em muitas instituições sociais, uma prática religiosa majoritária. Isso foi possível pelos direitos humanos conquistados no decorrer dos anos, como a liberdade de expressão e de fé, que constitucionalmente

⁶⁴ ANEXO F.

é garantido⁶⁵, permitindo assim, que as pessoas escolham e participem do grupo religioso que assim lhes achar conveniente.

Tal dificuldade foi insinuada ao fato de muitos docentes não estarem ainda preparados a lidarem com essa pluralidade religiosa que se evidencia ainda mais em nosso mundo contemporâneo. Estavam antes acostumados e foram ensinados a pregar um discurso religioso que durante anos estava monopolizado em um ideal religioso equivocadamente relacionado ao componente curricular do Ensino Religioso. Principalmente para aqueles docentes que não conseguem esclarecer questionamentos realizados pelos discentes em relação ao fenômeno religioso em nossos dias.

Essa dificuldade vai ao encontro a outra apresentada pela maioria dos docentes, isto é, a ausência de formação continuada no campo de conhecimento sobre Ensino Religioso. Se não há investimento e incentivo na formação dos docentes, certamente inúmeras dificuldades se apresentarão.

Pelo fato de não haver docentes com habilitação específica para o Ensino Religioso, deveria então, a Secretaria Municipal de Educação de Mirinzal - Ma, preocupar-se em preparar seus profissionais para atuarem no Ensino Religioso. Certamente esse investimento, melhoraria a qualidade e a atuação dos docentes e não comprometeria a formação dos adolescentes.

Certamente, o fato de a maioria dos docentes que participaram da pesquisa, considerarem suas metodologias insuficientes **(gráfico I)**⁶⁶, e nem sempre conseguirem atingir seus objetivos durante as aulas **(gráfico J)**⁶⁷, está relacionado à falta de investimento na formação desses profissionais que atuam no Ensino Religioso.

É necessário que a Escola, assim como a secretaria municipal de educação, e porque não dizer, a educação brasileira em toda sua esfera, perceba e reconheça o Ensino Religioso como componente curricular no ambiente escolar importante na

⁶⁵ CONSTITUIÇÃO DO BRASIL. *TÍTULO II Dos Direitos e Garantias Fundamentais CAPÍTULO I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS*. Artigo 5º, VI, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 4 ago. 2012.

⁶⁶ ANEXO F.

⁶⁷ ANEXO F.

formação de sujeitos sociais, não apenas na adolescência, mas em estágios do desenvolvimento humano anteriores a essa fase.

CONCLUSÃO

A Adolescência deve ser compreendida como parte do processo de desenvolvimento do ser humano. Uma fase de transição em sua vida com significativas mudanças não apenas no seu aspecto físico, sendo importante levar em consideração as mudanças ocorridas no que se refere ao seu cognitivo, ao psicosssexual e a sua fé.

Para compreender os diferentes conflitos pessoais e intrapessoais, sua forma de comportamento e os ideais que o ser humano vivencia nessa fase, se tornam interessante conhecer as distintas teorias sobre a adolescência.

As mudanças ocorridas na adolescência contribuem no processo da formação de sua personalidade. Na verdade, uma das buscas nessa fase da vida humana, é a própria identidade do adolescente. As experiências, a configuração de como se percebe no mundo, as informações e a forma de como às processa, definem gradativamente seu Eu.

O contexto ao qual o adolescente está inserido, e que influenciará em sua formação, está estritamente associado ao espaço cultural em que vive e ao seu tempo. Esses fatores, espaço e tempo, são significativos para compreender a forma de o adolescente perceber-se como sujeito social.

Entretanto, isso não significa afirmar que o adolescente é produto de uma única cultura. No século que vivemos o isolamento cultural quase que se torna impossível. E isso permite ao adolescente, por meio das distintas tecnologias de mídia, “conhecer” culturas e formas de compreender o mundo, diferentes das quais ele antes conhecia ou foi instruído.

Nesse sentido, a formação do adolescente passa a ser influenciada não apenas pela sua cultura, mas também pelas demais que passa a conhecer ou se relacionar, por meio de um julgamento pessoal de valores feito por ele.

Muitas vezes, o de o adolescente expressar um comportamento cultural “diferente” da maioria, como forma de inovar, pode ser compreendido como uma possibilidade de diferenciar-se dos outros, de assumir um posicionamento que chame a atenção; de se fazer percebido na sociedade; ou de descontentamento com sua realidade.

Adolescência é uma fase de escolhas significativas, a busca de um novo sentido, de uma identidade, de um referencial, familiarizando-se a grupos, estilos, comportamentos, como forma de projetar sua personalidade.

Nessa dimensão, a Escola desenvolve um importante papel na formação do adolescente. É o espaço onde significativas experiências em sua vida são realizadas. É nela que o adolescente busca respostas aos seus questionamentos. Ajustando seu conceito de vida e de mundo por meio da proposta educativa que é oferecida por meio dos componentes curriculares.

O Ensino Religioso, como parte desses componentes curriculares, contribui de forma significativa no processo da formação básica do cidadão. Possibilitando a difusão de valores, a compreensão e o respeito ao outro e sua fé.

É importante lembrar que o Ensino Religioso está presente em nossa sociedade desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses, no início do século XVI. Sendo atribuídos a ele, os primeiros conceitos de fé e religião. Durante a transição dos séculos, o Ensino Religioso passou por significativas mudanças no que se referem a sua legalidade, seus princípios e importância, sendo, em parte, responsável pela nossa forma de expressão cultural e social.

Atualmente se compreende o Ensino Religioso não mais como ensino de doutrina religiosa de uma determinada religião, mas como o estudo do fenômeno religioso nas diferentes culturas em seu espaço e tempo, promovendo a compreensão e o respeito às diferentes formas de manifestação de fé presentes na sociedade e refletidas no espaço escolar.

Para que o Ensino Religioso, como parte da formação social do adolescente, acompanhe os desafios que lhe são propostos, é necessário que a Escola tenha a preocupação em organizar um currículo que atenda às necessidades de sua clientela. Necessário ter em consideração o perfil dos adolescentes, sua cultura e a pluralidade cultural.

Uma das ferramentas disponíveis a colaborar na elaboração, organização e execução do currículo para o Ensino Religioso são os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) publicado pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – FONAPER. Neles a proposta é voltada em promover um

Ensino Religioso dinâmico e atual ao contexto religioso que vivenciamos, tornando-o mais interessante e significativo para os adolescentes.

Para que o Ensino Religioso acompanhe essas transformações, é importante que se invista na formação de docentes, para que os profissionais que atuam nesse campo de conhecimento se atualizem, qualifiquem, discutam e proponham novos métodos quanto ao componente curricular, melhorando assim sua oferta.

Uma ação necessária a se desenvolver por parte do Estado, para melhorar o desempenho dos docentes que atuam no Ensino Religioso, é a criação de Licenciaturas específicas para esse campo. Pois as dificuldades maiores no Ensino Religioso se referem à disponibilidade de profissionais com formação específica. E isso faz com que docentes com outra formação atuem no componente sem um conhecimento profundo, gerando uma marginalização do Ensino Religioso.

Para que se tenha um ensino de qualidade, é importante investir na formação de profissionais para atuarem com os diferentes componentes curriculares oferecidos pela Escola. Se o Ensino Religioso, por garantias legais, está inserido no contexto curricular, então é obrigação dos órgãos competentes garantirem a formação específica de docentes para esse componente.

A pesquisa desenvolvida por meio da aplicação de questionários, realizada com adolescentes e docentes do Ensino Religioso em uma Escola pública municipal em Mirinzal – MA, como forma de abordar sobre as Metodologias de Ensino desenvolvidas no componente curricular, identificou que, para os (as) professores (as) as condições que se referem à disponibilidade de material didático; a formação específica na área de conhecimento do Ensino Religioso e a percepção da Escola em direcionar ao componente curricular uma preocupação necessária, assim como nos demais componentes, são insuficientes ao que se deveria existir.

E isso se confirmou ao concluir-se que no Projeto Político Pedagógico da Escola, ou até mesmo na Proposta de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, não há referência e nem citação em relação ao Ensino Religioso. Considerando-se assim, uma falta de compromisso no que se refere à promoção de melhor qualidade na oferta do componente curricular em sua matriz curricular.

Quanto aos adolescentes, percebeu-se um interesse significativo em conhecer mais sobre o Ensino Religioso e sobre sua própria fé, por considerarem o componente como importante no processo de sua formação.

Deve-se lembrar que o ser humano é um ser que busca pela espiritualidade. E a fase da adolescência não o limita a essa busca. Pelo contrário, é na adolescência que suas definições de fé se estabelecem de forma mais consistentes a partir dos conceitos e das relações que ele (a) abstrai para si.

Apresentar o Ensino Religioso para o adolescente é possibilitar uma porta para a compreensão das suas mudanças como ser humano. Nessa possibilidade, é importante que a escola, assim como os docentes, promovam por meio de suas metodologias de ensino, um contexto compreensível, atual e convidativo para o (a) adolescente encontrar a si mesmo e seu lugar na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Silvia Cristina Hack. *O olhar de adolescente-alunos/as sobre o sentido da vida: interações com um contexto escolar*. São Leopoldo: EST/PPG, 2009.

BÍBLIA de Estudo Aplicação Pessoal. Versão Almeida. ed. rev. e cor. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BRANDENBURG, Laude Erandi. *A Integração pedagógica no Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Legislação*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 01 out 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Legislação*. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 01 out 2011.

CAMARA DOS DEPUTADOS. *Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional*. 5ª ed. Biblioteca Digital, 2010. p. 27-28. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em 18 de jan. 2012.

CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. Religiosidade e Espiritualidade de Adolescentes e Jovens Adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/11Aurora.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

CASSEB, Samir Araújo. *Ensino Religioso: Legislação e seus desdobramentos nas salas de aula no Brasil*. In: III Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Belém: Água, Terra e Teologia, 2009.

CONSTITUIÇÃO DO BRASIL . *TÍTULO II Dos Direitos e Garantias Fundamentais* *CAPÍTULO I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS*. Artigo 5º, VI, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 4 ago. 2012.

COTRIM, Gilberto Vieira. *Fundamentos da Educação: história e filosofia da educação*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1981.

DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Colégio Dom Aguirre. Disponível em: <http://www.domaguirre.com.br/em_textos/origem_das_especies_de_charles_darwin.pdf> Acesso em: 16 mar. 2012.

DAUNIS, Roberto. *Jovens: Desenvolvimento e Identidade: Troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EYNG, Ana Maria. *Currículo escolar*. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx, 2010.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Carta ao professores de Ensino Religioso*. Disponível em: <<http://www.fonaper.com.br/noticia.php?id=873>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino religioso*. Disponível em: <http://www.fonaper.com.br/documentos_parametros.php> Acesso em: 25 ago. 2012.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREUD, S. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FUCHS, Henri Luiz. O Fenômeno Religioso no Ensino Religioso e no Currículo Escolar. In: BRANDENBURG, Laude Erandi (Org.). *Fenômeno Religioso e Metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

JOHNSON, Lin. *Como Ensinar Adolescentes*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

OLIVEIRA, Lílian Blanck de; RISKE-KOCHz, Simone; WICKERT, Tarcísio Afonso (Orgs.). *Formação de docentes e Ensino Religioso no Brasil: tempos, espaços, lugares*. Blumenau: Edifurb, 2008.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

PORT, Ieda Zimmermann; WACHS, Manfredo Carlos. Sem formação!? Como sou docente de Ensino Religioso? Primeiras aproximações reflexivas. In: BRANDENBURG, Laude (Org.). *Fenômeno religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. *LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm>. Acesso em: 02 nov. 2012.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Planalto. *Constituição política do império do Brasil (de 25 de março de 1824)*. Disponível em: <<http://tudoehistoria.pro.br/documentos/Constitui%E7%E3o%20brasileira%20de%201824.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

RODRIGUES, William Costa. *Metodologia Científica*. Paracambi: FAETEC/IST, 2007. Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2012.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO. Referenciais Curriculares. Disponível em: <<http://www.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=419>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

STREK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia M. (Orgs.). *Manual de Normas para Trabalhos Científicos: baseados nas normas de ABNT*. 2. ed. rev. e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

World Health Organization. *Saúde do Adolescente*. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/>. Acesso em: 01 out. 2011.

XAVIER, Mateus Geraldo. *Contribuição do Ensino Religioso no acesso à fé: uma leitura teológica pastoral*. São Paulo: Loyola, 2006.

ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA OS ADOLESCENTES

1. Identificação:

1.1 Sexo: () Fem. () masc. 1.2 Idade: _____

1.3 Série: _____ 1.4 turma: _____ 1.5 turno: _____

2. Você frequenta alguma Igreja?

() não () sim _____?

3. Os conteúdos do componente curricular de Ensino Religioso são interessantes para sua formação escolar?

() não () sim

4. Você consegue relacionar as aulas de Ensino Religioso ao seu cotidiano?

() não () sim

5. A forma que o (a) professor (a) desenvolve as aulas de Ensino Religioso é interessante?

() não () sim

6. O (a) professor (a) demonstra segurança quando está falando sobre o conteúdo na sala de aula?

() não () sim

7. Os (as) professores (as) de Ensino Religioso deveriam mudar os métodos de ensino no momento da aula?

() não () sim

8. Os (as) seus (as) colegas demonstram interesse pelas aulas de Ensino Religioso?

() não () sim

9. Há interesse seu em conhecer mais sobre o componente curricular de Ensino Religioso?

() não () sim

10. Com que nível de importância você avalia as aulas de Ensino Religioso em sua Escola para sua vida?

() importante () muito importante () não é importante

ANEXO B: QUESTIONÁRIO PARA OS DOCENTES

1. Identificação.

1.1 Sexo: () Fem. () Masc.

1.2 Idade _____

1.3 Formação:

() Magistério

() Superior/ Cursando _____

() Superior Completo _____

() Especialização _____

() Mestrado

() Doutorado

2. O componente curricular Ensino Religioso é importante para formação social da criança e do adolescente?

() não () sim

3. Os (as) alunos (as) demonstram interesse pelas aulas de Ensino Religioso?

() não () sim

4. No planejamento da Escola é discutida a importância do componente curricular Ensino Religioso no Currículo Escolar?

() não () sim

5. Na escola há oportunidade para o (a) aluno (a) expressar sua fé sem constrangimento, ou a fé é algo que deve ser vivida fora do ambiente escolar?

() expressam sua fé sem constrangimento

() são orientados a não expressar nenhum tipo de fé

() há horários estabelecidos para a expressão de fé coletiva.

6. Na escola são realizados periodicamente seminários, palestras, fóruns, outros, no contexto do Ensino Religioso?

não sim

7. Que tipo de dificuldades você encontra para desenvolver as aulas de Ensino religioso?

falta de material pedagógico

formação continuada na área

não faz parte da minha formação superior

não me identifico com o componente

as diferentes crenças entre os alunos

preparo para tratar dos assuntos

outros _____

8. Como você percebe por parte dos (as) alunos (as), a importância do Ensino Religioso para sua formação social?

importante muito importante não é importante

9. As metodologias desenvolvidas nas aulas de Ensino Religioso são suficientes para aprendizagem do (a) aluno (a)?

não sim

10. Consegue atingir os objetivos das aulas de Ensino Religioso?

sempre as vezes nunca

ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **“METODOLOGIAS DE ENSINO RELIGIOSO PARA ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EM MIRINZAL – MA”**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Nédson Coelho Ribeiro**

Nome do (a) Orientador (a): **Gisela I.W. Streck**

Eu, _____,
responsável pelo (a) aluno (a)
_____ autorizo que o (a)
mesmo (a) participe da pesquisa acima referida desenvolvida pelo pesquisador
Nédson Coelho Ribeiro.

1. **Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade discutir as Metodologias de Ensino desenvolvidas no componente curricular de Ensino Religioso com Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal - MA
2. **Participantes da pesquisa:** A pesquisa será realizada com 35 (trinta e cinco) adolescentes do sexo masculino e feminino, com faixa etária entre 13 e 16 anos, estudantes de uma escola pública municipal na cidade de Mirinzal – MA.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador Nédson Coelho Ribeiro obtenha informações por meio de um questionário à respeito do interesse do (a) adolescente pelas aulas de Ensino Religioso na Escola, a importância do componente no cotidiano do (a) adolescente, as contribuições adquiridas no processo de sua aprendizagem. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.), para o(a) aluna(o)

ou para o pesquisador Nédson Coelho Ribeiro. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. **Sobre os questionários:** a aplicação do questionário de pesquisa será realizada na escola, em sala de aula, em horário de aula no turno vespertino, com a presença do pesquisador Nédson Coelho Ribeiro, sendo previamente autorizado pela direção da Escola. Os (as) alunos (as) receberão o questionário constituído por 10 (dez) perguntas objetivas que serão lidas pelo pesquisador para esclarecimento de qualquer dúvida. As informações conseguidas através da participação do (a) aluno (a) não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos envolvidos neste projeto.

Sendo respondidas, serão recolhidas pelo pesquisador Nédson Coelho Ribeiro.

5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudo sobre Metodologias de Ensino Religioso para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal – MA. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o Ensino Religioso para Adolescentes, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão da importância e dos valores adquiridos pelos(as) adolescentes com o componente curricular de Ensino Religioso, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8. **Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Local e data

TELEFONES

Pesquisador: Nédson Coelho Ribeiro – (98) 87390301

Orientador: Gisela I.W. Streck

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa:

Faculdades EST: (51) 2111 1400

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “**Metodologias de Ensino Religioso para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal – MA**”

Nome do (a) Pesquisador (a): **Nédson Coelho Ribeiro**

Nome do (a) Orientador (a): **Gisela I.W. Streck**

9. **Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade discutir as Metodologias de Ensino desenvolvidas no componente curricular de Ensino Religioso com Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal - MA

10. **Participantes da pesquisa:** A pesquisa será realizada com 3 (três) professores(as) de uma escola pública municipal na cidade de Mirinzal – MA.

11. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador Nédson Coelho Ribeiro obtenha informações à respeito do interesse do (a) adolescente pelas aulas de Ensino Religioso na Escola, a importância do componente em seu cotidiano, as contribuições adquiridas no processo de sua aprendizagem, as dificuldades encontradas pelo docente. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.), para o(a) aluna(o) ou para o pesquisador Nédson Coelho Ribeiro. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

12. **Sobre as entrevistas:** as entrevistas serão realizadas na escola, em horário de aula no turno vespertino, com a presença do pesquisador Nédson Coelho Ribeiro, sendo previamente autorizado pela direção da Escola. Os (as) professores (as) receberão o questionário constituído por 10 (dez) perguntas objetivas que serão lidas pelo pesquisador para esclarecimento de qualquer dúvida. As informações

conseguidas através da participação do (a) professor (a) não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos envolvidos neste projeto.

Sendo respondidas, serão recolhidas pelo pesquisador Nédson Coelho Ribeiro

13. Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

14. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudo sobre Metodologias de Ensino Religioso para Adolescentes do Ensino Fundamental em uma Escola Pública Municipal em Mirinzal – MA. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

15. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as Metodologias de Ensino Religioso para Adolescentes, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão da importância e dos valores adquiridos pelos(as) adolescentes no componente curricular de Ensino Religioso, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

16. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Local e data

TELEFONES

Pesquisador: Nédson Coelho Ribeiro – (98) 87390301

Orientador: Gisela I.W. Streck

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa:

Faculdades EST: (51) 2111 1400

ANEXO E: RESULTADO DA PESQUISA COM ADOLESCENTES

Gráfico 1 – Quantidade de Adolescentes

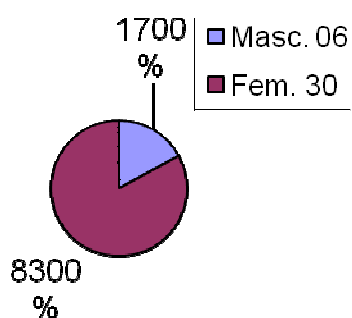


Gráfico 2 – Frequência a uma Igreja

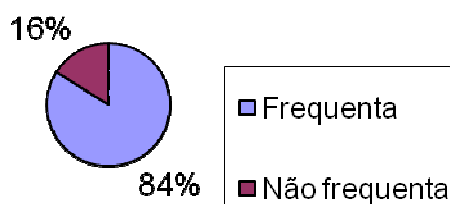


Gráfico 3 – Sobre a importância dos conteúdos do Ensino Religioso para sua formação

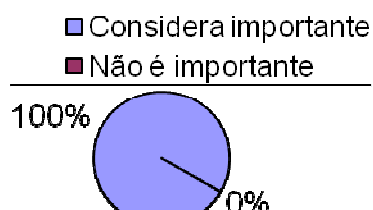


Gráfico 4 – Relacionar as aulas de ensino religioso ao seu cotidiano

Conseguem relacionar ao cotidiano

Não conseguem relacionar ao cotidiano



Gráfico 5 – Quanto à forma que o professor desenvolve o componente curricular de Ensino Religioso em sala de aula

É interessante

■ Não é interessante



Gráfico 6 – Sobre a segurança do professor quanto ao conteúdo que está apresentando na sala de aula.

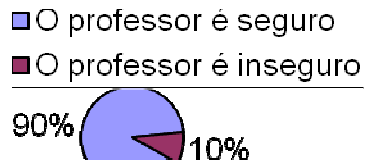


Gráfico 7 – Os professores deveriam mudar os métodos de ensino nas aulas de ensino religioso?

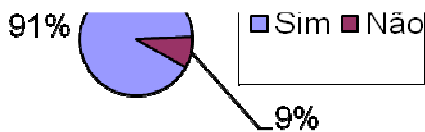


Gráfico 8 – Os (as) seus (as) colegas demonstram interesse pelas aulas de Ensino Religioso?

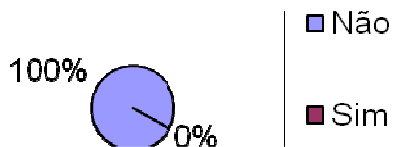


Gráfico 9 – Quanto ao interesse em conhecer mais sobre o Ensino Religioso

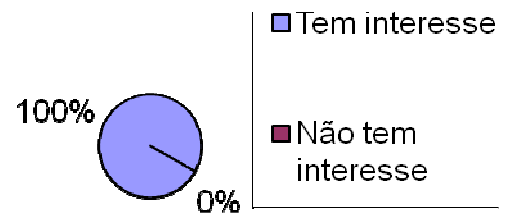
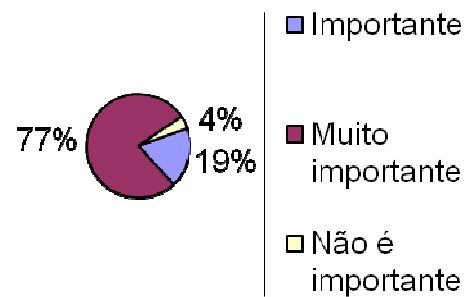


Gráfico 10 - Nível de importância das aulas de ensino religioso na escola para a vida



ANEXO F: RESULTADO DA PESQUISA COM OS DOCENTES

Gráfico A – Quantidade de Docentes

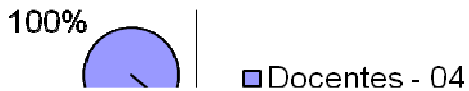
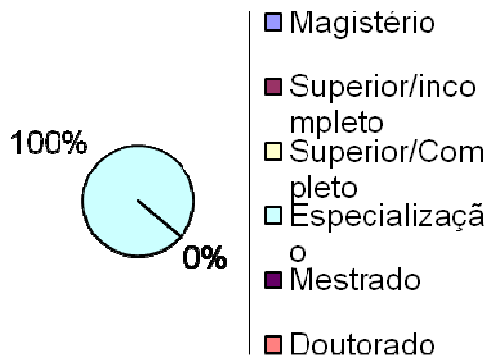


Gráfico B – Formação dos Docentes



Gráficos C – Docentes que consideram o Ensino Religioso importante para formação social do (a) adolescente

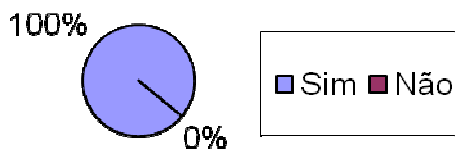


Gráfico D – Quanto ao interesse dos adolescentes pelas aulas de ensino religioso:

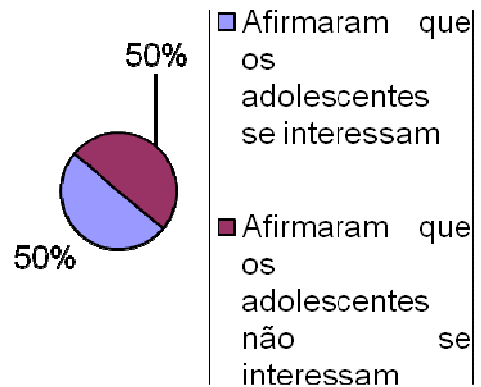


Gráfico E – Sobre a discussão da importância do Ensino Religioso no currículo escolar no momento do planejamento.



Gráfico F– Sobre a liberdade dos adolescentes expressarem sua fé

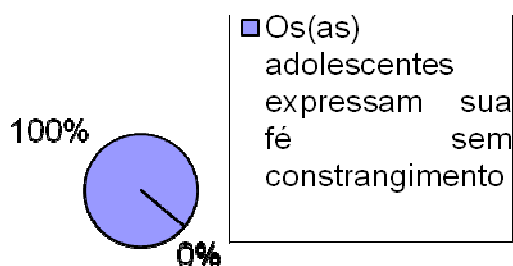


Gráfico G – Quanto à realização periodicamente de seminários, palestras, fóruns, outros, no contexto do Ensino Religioso:



Gráfico H– Sobre as dificuldades enfrentadas pelo docente para o desenvolvimento das aulas de Ensino Religioso:

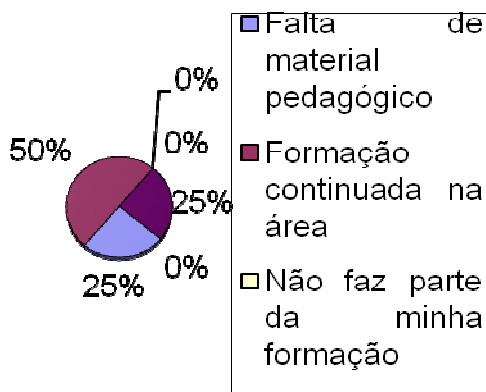


Gráfico I – Sobre a suficiência das metodologias desenvolvidas nas aulas de ensino religioso para aprendizagem do (a) adolescente

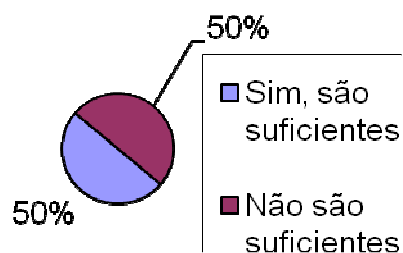


Gráfico J – Conseguir atingir seus objetivos nas aulas de Ensino Religioso

